



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS



KÍSSIA CARLOS DOS SANTOS DA SILVA

**TORCIDA FEMININA: A PAIXÃO PELO FUTEBOL EM ALAGOAS**

Maceió/AL

2018

KÍSSIA CARLOS DOS SANTOS DA SILVA

**TORCIDA FEMININA: A PAIXÃO PELO FUTEBOL EM ALAGOAS**

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais (ICS/UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador Profº Siloé Amorim

---

Assinatura do Orientador

Maceió/AL

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 29 (NOVE) dias do mês de outubro do ano de 2018 às 14 horas compareceu perante a banca Examinadora o(a) aluno(a) KISSIA CARLOS DOS SANTOS DA SILVA autor(a) do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC intitulado TORNADA FEMENINA: A LUTA PELO FUTURO EM ALAGOAS.

sendo a Banca Examinadora constituída pelos professores: SILVÉ  
SOMMER DE AMORIM (orientadora), RACHEL  
ROCHA E SILVIA MONTES

que atribuíram, respectivamente as seguintes notas: 1º examinador 8,0 (QUATRO), 2º examinador QUATRO INTERMEDIOS (8,0), 3º examinador QUATRO INTERMEDIOS (8,0), cuja média aritmética é 8,0 (QUATRO INTERMEDIOS), tendo a referida banca considerado(a) aprovado(a) e apto(a) para a Colação de Grau de LICENCIADA em Ciências Sociais.

E por estar conforme, eu \_\_\_\_\_ técnico do Instituto de Ciências Sociais lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos membros da banca e pelo Diretor do Instituto de Ciências Sociais.

1º Examinador(a) Silvél Amorim

2º Examinador(a) Rachel Rocha de Jesus de Barros

3º Examinador(a) Adina de L. Montes

Diretor(a) do Instituto de Ciências Sociais

Coordenação do Curso de Ciências Sociais

*À minha família e às torcedoras alagoanas.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me permitir viver esse momento tão especial em minha vida e por ter me dado forças para superar as dificuldades pelo caminho.

Ao professor Siloé Amorim pela orientação, apoio e empenho dedicados à elaboração deste trabalho, e por todo conhecimento compartilhado.

Aos técnicos, Arielle Darine e Lelan Siqueira, por todo apoio, compreensão e solidariedade dispensados ao longo desses anos.

Aos meus pais pelo amor, incentivo e apoio incondicional. À minha mãe, Maria José, a qual me deu todo apoio, incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço, me garantindo que todo esforço seria válido. Ao meu pai, José Carlos, que foi um dos motivadores para a minha persistência e que, apesar das dificuldades, me fortaleceu e segurou a minha mão nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos, porto do amor. À Cássia Santos, por ser fonte de inspiração para a escolha do tema desenvolvido e ao Cássio Santos por toda paciência, carinho e companheirismo.

Aos meus sobrinhos, Emily Beatriz e Rodrigo Correia, pela compreensão todas as vezes que precisei me ausentar para me dedicar à graduação.

Ao meu namorado, Lourisvando Quintela, por todo apoio, compreensão e paciência, por segurar a minha mão, por acreditar em meu potencial e por ser fonte de motivação constante para a realização dos meus objetivos.

Obrigada, vó, tios, tias e primos, pela enorme contribuição para concretização deste momento, em especial a minha prima/amiga, Sidnéia Calheiros, que esteve sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando a prosseguir e que de forma muito especial contribuiu para esse momento, pois várias vezes precisei fazer escolhas e ela com todo seu amor, carinho e brutalidade, me ajudou a tomar as melhores decisões possíveis, obrigada por tudo.

Aos meus colegas de trabalho, que a partir da troca de conhecimento somaram para a realização deste momento. Em especial, à coordenadora do Pré-Enem Conexões de Saberes UFAL, Janda Alencar, por me permitir viver meus melhores momentos enquanto universitária, me proporcionando ingresso a esse universo de lecionar em um cursinho, e por

toda paciência nessa reta final da minha formação. Ao colaborador e amigo, Eliandro Lira, por todo aprendizado e por acreditar sempre em meu potencial.

Agradeço aos meus colegas de graduação, Andréa Duarte, Sivaldo Venâncio e Viviane Melo, por todos os momentos compartilhados e pela companhia na persistência que tivemos para concretizar este momento.

Um agradecimento especial a Viviane Melo, grande amiga que a graduação me proporcionou, hoje nossa amizade é exemplo de lealdade e companheirismo, serei eternamente grata por tudo que fizeste em minha vida, pelas pontes profissionais que colocaste em meu caminho e por me incentivar a prosseguir, vencemos juntas.

Aos meus vizinhos e amigos, Iago Andrew e Ianá Oliveira, por todas as vezes que me senti perdida na formatação dos trabalhos acadêmicos e vocês, sem medir esforços, me ajudaram com muita paciência, contribuindo de forma direta para a minha formação, foram gestos simples, mas ao mesmo tempo muito significantes para o meu crescimento intelectual.

Agradeço imensamente aos meus alunos e ex alunos por toda troca de conhecimento ao longo da minha atuação em sala de aula que tanto somaram à minha formação superior.

Aos meus amigos, Chrislayne Matos, Diego Marques, Luiz Sapucaia, Phellipe Ramon e Thiago Alexsandro, aos quais fui cativando ao longo da vida, resultando assim na criação de laços, gratidão por todo carinho, amor, lealdade, compreensão e acima de tudo pela paciência que tiveram em não desistir da nossa amizade, apesar das vezes que precisei me ausentar para me dedicar à formação, vocês fazem parte da realização desse momento tão especial em minha vida, cada um contribuiu de uma forma diferente, mas, em cada detalhe, senti amor e muita energia positiva para persistir e viver este momento.

Agradeço às torcedoras que contribuíram para a aplicação dos meus questionários e entrevistas pessoais, que de forma direta contribuíram para a finalização deste trabalho, sem vocês eu não conseguiria formular e finalizar meu trabalho de conclusão de curso, minha eterna gratidão pelo ato.

Aos meus colegas do Movimento Popular Bravos Regatianos, que sempre se mostraram solidários a somar à realização da minha pesquisa.

E, por fim, a todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a realização deste momento, meu muito obrigado.

*Tudo começa e tudo acaba, dizem. Menos a paixão clubística. A verdadeira, a autêntica e incontrolável paixão clubística dá a sensação de que sempre existiu e de que sempre existirá. Eis a verdade: - ela escapa ao tempo. O sujeito se sente como se já fosse torcedor em vidas passadas.*

(RODRIGUES, 1994, p. 56)

## RESUMO

O futebol é um esporte de grande representatividade no Brasil, seja como prática esportiva propriamente dita ou em atividades outras a ele relacionadas, a exemplo das torcidas. Pela importância nacional que lhe é atribuída, o futebol acaba sendo objeto de inúmeros estudos, realizados pelas mais variadas áreas do saber. O presente trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres nas torcidas dos principais clubes de futebol do Estado de Alagoas, quais sejam, ASA, CRB e CSA, para responder aos seguintes questionamentos: como se dá a participação das mulheres nas torcidas por clubes alagoanos de futebol? Quem são as mulheres que torcem pelos times alagoanos de futebol? Quais as influências do futebol sobre as mulheres e destas sobre aquele? Para alcançar esse objetivo, foi realizado um trabalho de campo, com o método da etnografia. Hipoteticamente, os resultados da pesquisa de campo revelaram que a torcedora alagoana é jovem, alfabetizada, solteira e frequenta estádios de futebol como forma de demonstrar apoio ao seu clube. Apontou também que, em Alagoas, a paixão da torcida feminina pelo futebol recebe grande influência dos representantes masculinos dos grupos familiares das torcedoras. Por fim, foi possível averiguar nas narrativas, observação e coleta de dados que essas torcedoras exercem forte influência em seus meios, aspectos que foram neste TCC apontados no intuito de se apresentarem como possíveis influenciadoras e disseminadoras dos sentimentos de pertencimento a seus clubes.

**Palavras chave:** Antropologia. Etnografia. Futebol. Alagoas. Torcida Feminina.



## ABSTRACT

Football is a highly representative sport in Brazil, either as a sports practice or in other activities related to it, such as the fans. Due to the national importance attributed to it, football has been the object of numerous studies, carried out by the most varied areas of knowledge.

This study aims to analyze the participation of women in the fans of the main soccer clubs in the State of Alagoas, namely ASA, CRB and CSA, in order to answer the following questions: how is the participation of women in cheerleading by Alagoan clubs of football? Who are the women who cheer for the Alagoan football teams? What are the influences of football on women and of these on that? In order to reach this objective, a field work was carried out, using the ethnography method. Hypothetically, the results of the field research revealed that the Alagoan fan is young, literate, single and attends football stadiums as a way to show support for her club. He also pointed out that, in Alagoas, the passion of the female fans for soccer receives a great influence from the male representatives of the family groups of the fans. Finally, it was possible to find out in the narratives, observation and data collection that these fans have a strong influence in their media, aspects that were in this CBT aimed at presenting themselves as possible influencers and disseminators of the feelings of belonging to their clubs.

**Keywords:** Anthropology. Ethnography. Soccer. Alagoas. Female fans.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 PERSPECTIVA TEÓRICA ANTROPOLÓGICA SOBRE O FUTEBOL E A TORCIDA</b> .....	13
1.1 PERSPECTIVA TEÓRICA ANTROPOLÓGICA SOBRE O FUTEBOL .....	13
1.2 PERSPECTIVA TEÓRICA ANTROPOLÓGICA SOBRE A TORCIDA .....	21
<b>2 VISÃO GERAL ACERCA DA TORCIDA FEMININA NO BRASIL E NO MUNDO</b> .....	25
<b>3 A PAIXÃO DA TORCIDA FEMININA PELO FUTEBOL EM ALAGOAS</b> .....	31
3.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	37
3.1.1 Breve histórico sobre os clubes pesquisados .....	37
3.1.2 Resultados das aplicações dos questionários .....	39
<b>CONCLUSÃO</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50
<b>APÊNDICES</b> .....	53
<b>APÊNDICE 1 - Questionário de Solicitação de Colaboração em Pesquisa</b> .....	54
<b>ANEXOS</b> .....	55
<b>ANEXO 1 - Tabela Campeonato Alagoano 2018</b> .....	56
<b>ANEXO 2 – Classificação Final - Campeonato Alagoano 2018</b> .....	59

## INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte de grande representatividade no Brasil, seja como prática esportiva propriamente dita ou em atividades outras a ele relacionadas, a exemplo das torcidas. Pela importância nacional que lhe é atribuída, o futebol acaba sendo objeto de inúmeros estudos, realizados nas mais variadas áreas do saber, dentre os quais, para os fins pretendidos no presente estudo, foram utilizados os trabalhos de antropólogos e sociólogos, a exemplo de Giraldes (2016), DaMatta (1994), Freitas Jr. (2006), Fraga (2013), Silva (et al., 2016), Menegotto (2011), Oliven (2002), Damo (2012) e Bambirra (2010).

Por um longo período, as ciências sociais se recusaram a se apropriar do futebol como objeto de estudo (GIRALDES, 2016), baseando-se em ideias pré-concebidas de que se tratava de um objeto limitado ou, ainda, muito influenciado pelo contexto político no qual estava inserido.

No entanto, essa visão foi sendo alterada e o futebol passou a ser visto como um elemento de representatividade da sociedade brasileira, de modo que, a partir dele podem ser observadas as transformações vivenciadas pela sociedade no Brasil, por exemplo, em tempos de ditadura, o futebol é utilizado para tirar o foco dos problemas e passar uma imagem de um país que se desenvolve a pleno vapor, outro exemplo é a participação da mulher, de início como adereço, acompanhando pais e cônjuges, refletindo o papel exercido pela mulher em sociedade, atualmente mais livres, fazendo escolhas e participando ativamente, tal qual ocorre nos dias de hoje (FREITAS JR., 2006).

A torcida, a seu turno, no âmbito do futebol, é a representação das relações que se desenvolvem em sociedade, preconceitos, agrupamentos, regionalismo, questão de gênero, esses são apenas alguns exemplos do que pode ser visualizado e analisado nesse contexto (FRAGA, 2013).

Os estudos, nesse ponto, abrangem outros elementos que não apenas a prática esportiva em si. Assim, são encontradas pesquisas com vista à análise das torcidas no apoio ao clube dentro e fora dos estádios (SILVA, 2016; SILVA, 1996; SOUZA NETO, 2013; MENEGOTTO, 2011, em grupos na *internet* (BAMBIRRA, 2010), e nos mais variados espaços (RUBIO; SIMÕES, 1999). Dessa forma, a importância da pesquisa é definida pela contradição existente entre a escassa produção sobre a temática e a indicação da ocupação de espaços diversos pelas mulheres torcedoras (estádios, clubes, *internet*, por exemplo).

Foi essa escassez de material de pesquisa, especialmente sobre a torcida feminina em Alagoas, que me incentivou a realizar esse estudo sobre o tema aqui apresentado no intuito de contribuir para novas narrativas que tenham como objeto não apenas o futebol, mas as formas de participação do público feminino nesse âmbito e as influências que as mulheres exercem no esporte, no caso concreto, no futebol, e como são influenciadas por ele.

O estudo tem como objetivo analisar a participação das mulheres nas torcidas dos principais clubes de futebol do Estado de Alagoas, quais sejam, CRB, ASA e CSA, para responder aos seguintes questionamentos: como se dá a participação das mulheres nas torcidas por clubes alagoanos de futebol? Quem são as mulheres que torcem pelos times alagoanos de futebol? Quais as influências do futebol sobre as mulheres e dessas sobre aquele?

O trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa teórico-documental, na qual foram buscados os estudos que tratassem da temática do futebol e da torcida no Brasil, com foco na torcida feminina. Foi feita, ainda, uma etnografia visando a interagir com o objeto de estudo e lhe dar voz para que se pudesse melhor apreender os significados que permeiam a inserção das mulheres nas torcidas de futebol alagoano, por meio das narrativas apresentadas por essas mulheres.

Dessa forma, no primeiro capítulo explanou-se brevemente sobre a perspectiva teórica antropológica sobre o futebol e a torcida (GIRALDES, 2016; DAMATTA, 1994; FREITAS JR., 2006; FRAGA, 2013; SILVA et al., 2016; MENEGOTTO, 2011; OLIVEN, 2002; DAMO, 2012; BAMBIRRA, 2010), de forma geral, situando o futebol como objeto de estudo das ciências sociais que se apresenta como uma área pouco aproveitada, mas com grande potencial científico, visto tratar-se de um microsistema social que é influenciado e influencia as relações vivenciadas em sociedade (FREITAS JR., 2016). Ainda, traçou-se uma contextualização histórica do futebol, com a apresentação de elementos referentes tanto ao seu surgimento no mundo quanto à sua importação no Brasil (ANDRADE; BRAGA, 2014; DAMATTA, 1994).

Por sua vez, no segundo capítulo são apontados os referenciais teóricos que embasaram o estudo desenvolvido, contextualizando-se a questão da torcida feminina na história do futebol, com fundamento em Silva (1996), Menegotto (2011), Bambirra (2010), Ecoten e Corsetti (2010), Silva (2010), Silva (et al., 2016), Campos, Augusto e Silva (2013), Mendes (2016) e Rubio e Simões (1999), tendo em vista ser importante para o desenvolvimento do trabalho apreender como a mulher foi levada para esse contexto do futebol no Brasil.

Por fim, no último capítulo, procedeu-se à apresentação dos resultados obtidos na etnografia, analisados conforme o referencial teórico que embasou a pesquisa. Nesse ponto, foram apresentados com base nos aspectos teórico-metodológicos neste TCC, narrativa que contempla também minha vivência para a realização do presente estudo.

# **1 PERSPECTIVA TEÓRICA ANTROPOLÓGICA SOBRE O FUTEBOL E A TORCIDA**

## **1.1 PERSPECTIVA TEÓRICA ANTROPOLÓGICA SOBRE O FUTEBOL**

O futebol não pode ser entendido como um fenômeno com reflexos e influências que se restringem apenas às questões físicas e biológicas, não pode e não deve ser enxergado como um simples esporte, cuja interpretação, alcance e significados se encerram em si mesmo.

Nesse sentido, é de se entender o futebol como um fenômeno cultural que influencia e é influenciado pelo contexto em que se encontra inserido. A esse respeito, Giraldes conceitua o futebol como sendo um fenômeno multicultural, no qual se expressam elementos diversos dos quais podem ser extraídos e discutidos incontáveis elementos sociais, dentre os quais, aponta o autor, cultura midiática, cultura metropolitana e digital e, podem-se acrescentar, ainda, elementos relacionados às relações de gênero, ao desenvolvimento urbano, a regionalização, às relações familiares, entre outros (GIRALDES, 2016).

Assim, complementa Giraldes (2016, p. 10), a caracterização do futebol como um fenômeno multicultural pode ser feita “[...] ao olhar para ele sob as lentes de teorias diferentes dentro da antropologia”.

A relação entre o povo e o futebol, conforme assevera DaMatta (1994, p. 12), é tão íntima que o povo brasileiro esquece que o futebol não é uma criação nacional, visualizando-o como um produto brasileiro, e isso se deve ao fato de que o futebol, conforme o autor, “[...] é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós” (DAMATTA, 1994, p. 12).

É a característica mobilizadora do futebol que faz com que as pessoas se envolvam com o esporte, sua prática ou na torcida, mas esse envolvimento não é apenas superficial (de participação, frequência a jogos), mas do desenvolvimento de um forte sentimento de pertencimento.

Nesse sentido, o futebol tem força suficiente para promover modificações significativas na sociedade, tais como as apontadas por DaMatta:

No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso país. Além disso, o futebol instituiu abertamente a malandragem como arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional, Mas sem excluir a capacidade de jogar com técnica e força (DAMATTA, 1994, p. 17).

O futebol, conforme o supracitado autor, promoveu no Brasil mudanças na forma como a estratificação social se dava e continua se dando. A sociedade, e o próprio futebol, com uma clara divisão entre camadas sociais, afastando a elite das camadas sociais mais baixas, fez com que fosse possível às camadas mais baixas da sociedade frequentar espaços e se apropriar de símbolos a que antes lhes era negado o acesso (DAMATTA, 1994).

Freitas Jr. (2006, p. 3), tratando da importância do estudo do futebol para o estudo da sociedade como um todo, ensina que olhar o futebol, utilizando-se de diferentes lentes, possibilita uma análise de particularidades em diversos contextos sociais. Segundo o autor, o futebol é reflexo da sociedade, ele é a própria sociedade, pois nele podem ser observados os atores, regras, objetos e ideologias, ou seja, o futebol poderia ser entendido como um microsistema que reflete a dinâmica do sistema geral, no qual se insere, e a partir do estudo do micro, torna-se possível entender e observar o macro, “Pois, enquanto uma atividade da sociedade, o futebol é a própria sociedade, sendo expressa através de seus atores, regras, objetos, ideologias, etc.” (FREIRAS JR., 2006, p. 3).

Mas essa análise não pode ser empobrecida, conforme assevera Freitas Jr. (*idem, ibidem*), visto que se corre o risco de, ao se colocar o futebol como um objeto de estudo apto a ser parametrizado com a sociedade, reduzir-se a análise, diminuí-la, o que, segundo o autor, ocorreu quando se alcançou a ideologia da tese do “Futebol como Ópio do Povo”, de modo que “Neste sentido, o futebol brasileiro seria um instrumento ideológico utilizado pelas elites (pensantes) como um meio de desviar a atenção das massas (irracionais) dos seus problemas sociais” (FREITAS JR., 2006, p. 3).

Outro ponto também a ser considerado é apontado por Freitas Jr. (*op. cit.*, p. 2), que atribui ao futebol uma importância toda especial, afirmando que levou muito tempo até que essa importância fosse reconhecida e o futebol passasse a ser visto como um objeto válido de estudo para as ciências sociais. Inserido no contexto da sociedade brasileira, o futebol, conforme argumenta o mencionado autor, conjuga elementos culturais, tais como, samba e

capoeira, e torna possível analisar a sociedade como um todo, visto que aqui o futebol se afasta de suas características originais e reflete a sociedade pátria (*idem*).

O futebol surge na Inglaterra, ainda no século XIX, período da Revolução Industrial, com registros de sua prática já no século XIV, durante a Idade Média, entre classes populares, caracterizando-se pela presença do “contato físico”, do “uso do espaço público” e da “reunião de multidões”, sendo objeto de repressão por parte das autoridades da época (ANDRADE; BRAGA, 2014, p. 01).

É na Inglaterra também que o jogo passa a ter regras explícitas, havendo a transição do jogo de futebol do âmbito popular para seu processo de institucionalização, como meio de controlar as disputas e tensões. Assim, sai-se do futebol enquanto jogo de caráter popular, transformando-se em um jogo praticado pela elite da sociedade inglesa. Essa regulamentação pode ser enxergada como uma forma de controle das tensões anteriormente mencionadas. Controlado, o futebol alcança as classes mais abastadas, fazendo surgir os clubes de futebol, formação de ligas, etc. (ANDRADE; BRAGA, 2014, p. 01).

No que diz respeito à história do futebol no Brasil, é de se mencionar que se trata de uma importação do futebol inglês. No entanto, enquanto na Inglaterra o futebol surge no seio das camadas populares e se expande para as elites da sociedade, no Brasil opera-se o processo contrário, sendo trazido pela elite do país, praticado em ambientes controlados e de acesso limitado aos integrantes mais abastados da sociedade e, apenas posteriormente, é que ele é popularizado. Já nesse momento o futebol era visto como “[...] esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso” (DAMATTA, 1994, p. 11-12).

Assim, o futebol, de origem inglesa, veio para o Brasil e aqui foi influenciado pelas peculiaridades da cultura local, de modo que, hoje, ele reflete a sociedade brasileira e não mais a inglesa e sua forma de jogabilidade. Assim, excetuando-se as regras, essas internacionais e unificadas, o brasileiro imprimiu no futebol suas características, razão pela qual o futebol brasileiro é a cara do Brasil. Nesse sentido, complementa Freitas Jr. (2006, p. 3), existem aspectos do futebol brasileiro que o diferenciam do futebol europeu, fazendo com que aqui ele assuma um aspecto mais individual que coletivo e isso, para o autor, é um reflexo do funcionamento da sociedade, no qual as individualidades são regidas por normas coletivas, gerando imprevisibilidade.

Dessa forma, em sua introdução no Brasil, o futebol é visto como um esporte, não apenas um “jogo”, um elemento de modernidade (DAMATTA, 1994, p. 11).



Como dito, a chegada do futebol ao Brasil foi uma importação, inclusive com suas regras e forma de jogabilidade, tal qual foram elaborados na Inglaterra, havendo a personalização do futebol com características da cultura e sociedade brasileira apenas anos mais tarde. Dessa forma, no início, o futebol brasileiro era o futebol inglês praticado no Brasil e não o futebol brasileiro (SILVA, 2010, p. 51).

Apresentando as diferentes concepções dos autores brasileiros acerca da introdução do futebol no país, DaMatta (1994) aponta que puderam ser vistas algumas reações negativas, as quais pendiam para a concepção do futebol como um evento que era capaz de despertar sentimentos indesejáveis, ou seja, “[...] evento capaz de despertar paixões e incontida violência, além de igualar homens e mulheres que, no campo de futebol e como torcida, comportavam-se deixando de lado os velhos pudores e a necessária compostura” (DAMATTA, 1994, p. 12), por outro lado, tinha quem afirmasse que “[...] o futebol representava precisamente o oposto, pois era o exemplo do bom uso do corpo, esse corpo que deveria estar a serviço da pátria e do futuro” (DAMATTA, 1994, p. 12).

Como dito, no Brasil o surgimento do futebol se dá a partir das camadas mais abastadas da sociedade, então o surgimento dos clubes de futebol no país também ocorre dentro desse universo. Nesse sentido, Andrade e Braga (2014, p. 2) destacam que isso ocorre no fim do século XIX e início do século XX, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, contudo, não exclusivamente nesses dois Estados, visto que também o futebol se espalha por todo o país.

A título de exemplo, os autores mencionam o surgimento do Clube de Regatas Flamengo e Clube de Regatas Vasco da Gama e, ainda, Fluminense e América, todos no Rio de Janeiro, clubes esses que existem até a atualidade, com torcedores espalhados por todo o território nacional, expandindo as fronteiras dos Estados em que foram criados (ANDRADE; BRAGA, 1994, p. 3). Em outros Estados, os autores destacam o Amazonas, onde existem notícias da prática do futebol desde o início do século XX (ANDRADE; BRAGA, 1994, p. 3).

Tratando de uma relação entre futebol e o local onde ele é praticado no Brasil, importante destacar ainda que, como dito anteriormente, o futebol no Brasil segue a linha contrária do que ocorreu na Inglaterra, expandindo-se para as camadas mais populares após seu surgimento no seio das camadas abastadas. Nesse ponto, mencione-se também que houve ainda uma expansão em relação ao surgimento dos clubes, os quais, inicialmente, eram

relacionados a clubes elitistas, passando a ser praticado também no interior de fábrica e outros espaços, ganhando o espaço das ruas (ANDRADE; BRAGA, 2014, pp. 3-4).

Relacionando o futebol e o espaço onde ele é praticado, Giralde assevera que:

Se o futebol já se configura como elemento cultural importante do Brasil, os estádios de futebol consequentemente têm a sua própria relevância. Como bem aponta Cruz (2005), o lugar onde o jogo acontece acompanhou as mudanças pelas quais passou o próprio esporte, das plateias que assistiam às partidas à beira do gramado ao fim do século XIX, às arenas ultramodernas da atualidade. Quando um time constrói um estádio próprio, ou adota um já existente, sua torcida passa a se apropriar dele, associando fortemente suas manifestações com aquele espaço. Do ponto de vista da cultura metropolitana, portanto, o estádio de futebol é um lugar antropológico (AUGÉ, 1994) por excelência, pois passa a fazer parte da identidade e da história daquele grupo, com rituais regulares (partidas semanais) que fazem com que a torcida construa constantemente a sua história e a daquele espaço. Por outro lado, as modernas arenas, apesar de ainda manterem alguns desses aspectos (grupos de torcedores que ainda ocupam os mesmos setores, por exemplo), passam a atender a uma nova lógica de um processo de modernização e re-elitização (CASTELLARI, 2010) do futebol, que dá a estas arenas características de não-lugares. (GIRALDES, 2016, p. 2).

O estádio de futebol, portanto, assim como o próprio esporte, reflete as mudanças sociais que o cercam, especialmente as pessoas que o frequentam e que dele se apropriam para realizar seus rituais e escrever sua história, o que não acontece com os grandes estádios modernos, espaços dos quais as torcidas ainda não se apropriaram, representando apenas um espaço utilizado nos momentos de jogos, mas não tão apropriado quanto o era em tempos mais remotos. Tratando dos estádios de futebol, Giralde (2016, p. 8) apresenta uma definição para lugar antropológico, afirmando que os estádios são lugares assim e diferenciando-os dos não-lugares.

O supracitado autor, explicando as definições apresentadas por Augé (apud GIRALDES, *op cit.*), aduz que o lugar antropológico é uma construção, ele é construído pelas pessoas que o formam, é elas que lhes dão sentido, elas se apropriam dele e o transformam em um lugar. Por outro lado, o não lugar seria um lugar que não é transformado nesse lugar, um lugar “transitório”, as pessoas não chegam a construí-lo, a dar-lhe significado, portanto, ele não se realiza, não é por elas apropriado (*idem, ibidem*).

Aproximando esses conceitos das torcidas alagoanas, o futebol, os estádios e os clubes são apropriados pelas torcedoras, elas lhes dão significados, aqueles são o que são porque estas dizem isso e o constroem, transformam times em clubes, estádios em “casas”, torcedores em famílias, amigos. Sem a torcida, os clubes e os estádios seriam não-lugares.

Os estádios, conforme afirmou o autor, quando apropriados pelos torcedores, seriam um lugar antropológico, mas, quando não o fazem, o estádio é apenas um espaço sem significação própria, um não-lugar, transitório e passageiro (GIRALDES, 2016).

Continuando sua explanação sobre a importância do estádio de futebol, Giraldes (*idem*, p. 9) afirma que a importância do estádio de futebol foi sendo desenvolvida juntamente com a própria importância atribuída ao esporte, visto que, na medida em que o futebol ganhava novas dimensões no Brasil, também o público passava a guardar uma nova relação com o esporte e com o local onde ele era praticado, apropriando-se dos estádios e imprimindo neles sua identidade.

Utilizando o estádio do Maracanã como exemplo, o autor afirma que ele refletia a pluralidade do povo brasileiro e também se mostrava um interessante campo de observação no qual podia ser vista a evolução da torcida, suas modificações, e esse desenvolvimento, bem como a apropriação da torcida é o que fizeram do Maracanã um lugar antropológico (GIRALDES, 2016).

O estádio é apropriado pela torcida, pelas pessoas, e representa a própria sociedade, a forma como se organiza, o lugar antropológico, conforme anteriormente mencionado. Refletindo as modificações que ocorrem na sociedade, essa situação também vem se modificando.

Nesse sentido, Giraldes (2016) afirma que as torcidas estão perdendo seu espaço nos estádios, esse espaço que as faz se apropriar do local. Para o autor, as inúmeras reformas que foram realizadas nos estádios, a redução do espaço, a mudança na organização das cadeiras, a nova forma de selecionar o público que frequenta os estádios e a forma como esse público é distribuído no lugar, tolhe a liberdade das pessoas e dificulta (ou mesmo impede) que elas se apropriem dos lugares (GIRALDES, *op. cit.*).

Os torcedores, que antes influenciavam a forma como os jogos e os estádios funcionavam, agora são pressionados a se adaptar a essa nova realidade, a se afastar do lugar antropológico e passar a utilizá-lo como um não-lugar, um lugar transitório, que não mais lhes pertence nem pode ser por eles apropriado, tal qual afirma Giraldes (*idem*, p. 10). Nesse ponto, o autor assevera que os estádios estão sendo mercantilizados e re-elitizados, alterando a relação entre torcedor e esse espaço.

Finalizando a análise da relação entre as torcidas e os estádios de futebol, Giraldes (*idem*, p. 10) cita o exemplo do Maracanã, contudo, afirmando que essa não é uma questão

exclusiva desse estádio, mas uma questão que se apresenta em estádios de futebol pelo Brasil, com práticas que tolhem os processos de apropriação dos torcedores, conforme segue:

Esse processo também não é exclusividade do Maracanã, pelo contrário. Vem se manifestando em praticamente todos os estádios brasileiros. Apesar de algumas práticas dos torcedores se manterem, como o hábito das organizadas e outros grupos permanecerem nos mesmos setores dentro do estádio (hoje já institucionalizado), outros elementos dão algumas características de não-lugar a essas modernas arenas. O lugar marcado, a proibição de sinalizadores e bandeiras com mastro, entre outros exemplos, fazem com que o estádio de futebol não mais pertença de fato à torcida. Consequentemente, o estádio torna-se um espaço cada vez mais de passagem e consumo (de comidas, bebidas e do futebol em si, que também se torna um produto), que cada vez menos se realiza de forma plena e, portanto, adquire algum aspecto de não-lugar (GIRALDES, 2016, p. 10).

O estádio, tornando-se um lugar mais comercial, mercantilizado, abre-se para a presença de grupos mais variados de pessoas, segmentos diferenciados da sociedade, no entanto, aqueles que possuíam uma relação mais íntima com o lugar, que ali faziam fluir sua representatividade, sua individualidade e sua coletividade em prol do seu clube, agora são limitados pelo desenvolvimento tecnológico e mercadológico que se apresentam.

As relações que se desenvolvem e podem ser observadas quando analisado o futebol como objeto de estudo das ciências sociais vão muito além da dinâmica do esporte, como visto, nesse sentido, DaMatta (1994, p. 12) apresenta uma vertente muito maior, associando, por exemplo, a chegada do futebol ao Brasil à questão do desenvolvimento da democracia e da igualdade no país. Na fala do autor:

O fato, porém, é que o velho esporte bretão entrava em conflito com valores tradicionais. Habituada a jogar e não a competir, a sociedade brasileira, construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, democraticamente produzia ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra ou a vergonha. Foi preciso que essa sociedade vincada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós. Desse modo, foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e de igualdade (DAMATTA, 1994, p. 12).

A relação descrita pelo autor é no sentido de que os valores tradicionais presentes na sociedade brasileira eram diferentes dos trazidos pelo esporte, certamente reflexos do funcionamento e particularidades da sociedade inglesa (DAMATTA, 1994). Desse modo, a sociedade brasileira teve, inicialmente, que se adaptar às regras e modo de funcionamento que foram trazidos com o futebol. Posteriormente, foi possível incrementar o esporte com características próprias do povo e da sociedade brasileira.

Deixando clara a relação existente entre o desenvolvimento da sociedade brasileira e do futebol no país, Fraga (2013) faz alguns apontamentos acerca de elementos como

regionalismo e futebol, desenvolvimento industrial e futebol e desenvolvimento midiático, autoimagem e futebol. No que diz respeito ao regionalismo e ao futebol, o autor aduz:

A história do futebol brasileiro é contada a partir do centro do país. Com efeito, a versão que atribui a paternidade do esporte bretão, entre nós, apenas a Charles Miller (São Paulo) e Oscar Cox (Rio de Janeiro) promove uma série de lacunas em nossa memória esportiva e social, ignorando realidades diversas em uma nação de dimensões continentais. Anos antes de Miller desembarcar em São Paulo com suas bolas de futebol na bagagem, os jesuítas, influenciados por visitas feitas a estabelecimentos educacionais ingleses, incentivavam a prática rudimentar do esporte no Colégio São Luiz, na cidade de Itu, vendo neste um instrumento para uma atividade corporal sadia, conforme os ditames, então em voga, do higienismo. (FRAGA, 2013, p. 329).

Nesse ponto, tratando brevemente sobre o regionalismo, ele é observado pelos estados em que o futebol se instala inicialmente no Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro, importado pelas elites econômicas e políticas do país, como mencionado linhas acima quando se tratou acerca do surgimento do futebol no país.

Mais á frente, o autor trata do desenvolvimento industrial do país, afirmando que, nos locais onde a influência inglesa era forte, a exemplo da implantação de linhas férreas e frigoríficos, construções de portos, etc., o futebol ganhava espaço e ia se desenvolvendo no Brasil, inclusive fazendo surgir as primeiras rivalidades com países vizinhos:

No Rio Grande do Sul, o contato estreito com a região platina e a implantação das primeiras linhas férreas e frigoríficos, a partir da inversão de capitais ingleses, levaram ao surgimento de clubes ao longo da região de fronteira com o Uruguai e no litoral Sul que, durante três décadas, rivalizaram em hegemonia com os clubes de Porto Alegre. Pelos diversos portos do país, marinheiros ingleses, ao final do século XIX, praticavam o futebol em seus momentos de folga, despertando o interesse e a curiosidade daqueles que por ali passassem. (FRAGA, 2013, p. 329).

Por fim, em décadas mais recentes, o autor trata da importância do futebol na questão da modificação da imagem que o brasileiro tinha do país, afastando-se de uma admiração que só poderia ser direcionada a outros países, para a admiração interna, reforçando o sentimento de patriotismo em meio ao contexto da ditadura militar no país (FRAGA, 2013, p. 333):

No mesmo sentido é a fala de DaMatta (1994, p. 17), o qual aduz que é a partir do futebol que o Brasil pode somar Estado e sociedade, visto que a confiança que o futebol dá à população se espalha para as demais áreas e leva ao sentimento de que é possível alcançar as mesmas conquistas em outros campos.

Feitos esses apontamentos acerca da forma como o futebol é um importante objeto de estudo e que, se analisado da forma adequada, pode apresentar as características que são visualizadas na sociedade brasileira como um todo é que se alcança a importância do estudo aqui proposto, no qual foram analisadas as torcidas de times de futebol em Alagoas, a partir

das narrativas das mulheres torcedoras, sendo esse um recorte apropriado para o estudo pelas ciências sociais. Contudo, antes disso, parto agora para tecer alguns apontamentos acerca da análise da torcida sob o viés da perspectiva teórica antropológica.

## 1.2 PERSPECTIVA TEÓRICA ANTROPOLÓGICA SOBRE A TORCIDA

Para analisar a torcida, é necessário, inicialmente, conceituá-la. Dessa forma, como afirmam Silva e outros (2016, p. 198), “Torcer é manifestar adesão entusiasmada à trajetória esportiva de um clube”, ou seja, não é a simples adesão que caracteriza a torcida, e sim a adesão com o sentimento de entusiasmo.

A seu turno, Menegotto (2011, p. 17) afirma que as torcidas de futebol são formadas por grupos menores, com composições diversas, que podem ser grupos familiares, grupos de amigos ou, ainda, grupos de pessoas que não se conhecem, no entanto que se identificam pela paixão pelo clube. As formas como os torcedores demonstram sua relação com o time ao qual se vinculam também é variada, alguns mais ávidos, outros mais contidos. De igual modo são também distintos os espaços onde se dá a torcida, quais sejam, estádios ou ruas (MENEGOTTO, 2011, p. 17).

Conforme se extrai da fala do autor, a manifestação da torcida, a forma como se organiza, pode refletir as formas de organização da sociedade de um país ou região, desse modo, não se pode restringir o alcance e as formas de organização dos torcedores, tampouco é possível identificar, de forma taxativa, todas as formas existentes.

DaMatta (1994), ao conceituar o torcedor, diferencia-o da figura do fã, que seria aquele que se confunde com o próprio clube, enquanto o torcedor é aquele que torce, que incentiva o time, que mantém com ele uma relação acalorada, que pode colocar um time para cima ou destruí-lo.

A participação do torcedor, conforme pode ser observado, não é inerte, ele se envolve, o sentimento de torcer vai além do fanatismo.

Oliven também conceituando o torcer, mas relacionando-o à ideia de pertencimento clubístico, assevera que torcer remete à ideia de lealdade, de pertencimento, implica em vibrar quando o clube vence chorar e sofrer quando perde, se envolver em tudo que se refira ao clube, não podendo se afastar ou mudar sua torcida para outro clube (OLIVEN, 2002).

Sobre o pertencimento clubístico, interessante é a fala de Damo (2012, p. 61), a qual transcrevo a seguir:

O pertencimento clubístico com certeza não se encontra na ordem das necessidades biológicas ou instrumentais, quaisquer que sejam. Ainda assim, quase todos os brasileiros, sobretudo os homens, torcem por um clube de futebol, o que indica haver certo ônus em não se torcer por clube algum. É preferível ser de alguém a não ser de ninguém, ao menos em se tratando de futebol. Não torcer por algum clube – o que seria o equivalente a não pertencer a ninguém – é ser um simples indivíduo, pois o pertencimento, pelo fato de integrar o sujeito a uma dada comunidade de sentimento, pessoaliza-o. Não torcer por clube algum é não usar uma máscara, o que efetivamente não acarreta qualquer sanção de ordem jurídica ou moral, apenas é ser ignorado, um ‘ninguém’ em matéria de emoções e jocosidades clubísticas. Nesse particular, a maneira como os torcedores experimentam a transição de indivíduos a pessoas – ou de cidadãos a flamenguistas, por exemplo – é água para o moinho de DaMatta, quando este argumenta que não há nada pior para um brasileiro do que ser apenas um indivíduo.

O autor assevera que a ideia de pertencimento clubístico na sociedade brasileira é uma questão muito forte. O futebol e o torcer no país é tão difundido na sociedade que estar excluído dessa dinâmica é estar também excluído da sociedade, visto que, como apontado pelo estudioso, não pertencer a um clube, não manter esse tipo de relação com outros indivíduos, outras pessoas, é estar excluído da comunidade, é ser reduzido a ninguém.

Damo (2012, p. 58), em sua análise sobre os torcedores no Brasil, afirma que existe a história dos jogos e a história dos torcedores, indicando elementos que precisam ser observados em estudos que visem a entender a relação existente entre jogo e torcida, especialmente no que se diferenciam e como se influenciam, como se formam os vínculos e como eles se perpetuam (DAMO, 2012).

Dessa forma, o torcedor não poderia ser estudado como uma mera representação de seu clube ou a partir desse, pelo contrário, deveria ser estudado a partir de si mesmo e das influências que lança sobre o clube e sobre o funcionamento do futebol, visto que o público influencia o jogo com suas expectativas, comentários, fantasias, etc. (DAMO, 2012, p. 57).

Ainda tratando de elementos que caracterizam as torcidas, Bambirra (2010, p. 9) faz alguns apontamentos sobre a figura do torcedor, aduzindo que a imagem que nos vem à mente quando pensamos nessa figura é a de um homem, de modo que pensar no torcedor como sendo uma mulher traz à tona “[...] pré-concepções do ser mulher e do ser homem, do ser torcedora e do ser torcedor” (BAMBIRRA, 2010, p. 9).

Dessa feita, é de se perceber que também o espaço da torcida no futebol é comumente relacionado ao masculino, de modo que a figura do feminino, tida como frágil, precisaria se

adequar a esse espaço, masculinizando seu comportamento ou, ainda, ocasionando concepções equivocadas sobre os motivos que as levam a frequentar os jogos de futebol.

Nessa seara, importantes as observações de Fraga (2013, p. 339) inferindo que, embora venha se ampliando a presença da mulher nos estádios, na torcida e na prática do futebol, ainda é pouco. O desenvolvimento de estudos a esse respeito, conforme segue:

Se o terreno conquistado pelo futebol nos últimos anos junto ao universo acadêmico é uma realidade, também o é que muito ainda há para ser trilhado, não somente no meio universitário, mas na própria sociedade. Basta aqui lembrar que, em que pese o visível incremento do público feminino nos estádios (principalmente a partir da majoração dos valores dos ingressos e do processo de reelitização das torcidas, ora em curso) e o crescimento do número de meninas praticantes do futebol, pouco há no país com referência à constituição de uma memória da prática futebolística entre as mulheres (FRAGA, 2013, p. 339).

Ainda, continua o autor, muitos autores da literatura pátria têm contrariado as ideias dominantes e vêm tentando inserir as mulheres nas histórias relacionadas ao futebol, no entanto, isso ainda não se reflete, por exemplo, em produções acadêmicas sobre a temática, como foi observado ao longo do presente estudo. A fala de Fraga, sobre a produção literária incluindo as mulheres nos contos sobre futebol menciona Alcântara Machado, Oswald e Mário de Andrade, com poemas e contos (FRAGA, 2013).

Aqui cabe um adendo, visto que não é apenas a questão das relações de gênero que povoam o estudo sobre futebol, podendo haver, por exemplo, recortes das mais diversas naturezas, a exemplo do recorte das relações familiares, conforme apontado por DaMatta (1994, p. 16). Este autor nos lembra que há uma estreita relação entre o controle familiar de pais sobre filhos, mais velhos sobre mais novos, homens sobre mulheres, contudo, diferentemente do que ocorre com outros aspectos da vida familiar (andar, sentar, vestir, carreira, etc.), a torcida é uma área mais aberta, com as preferências individuais sobressaindo.

Dessa forma, sendo a participação feminina nas torcidas de futebol em Alagoas o objeto de estudo do presente trabalho, necessário, ainda, delimitar as bases históricas e teóricas a serem utilizadas, tecer breves comentários acerca da visão geral sobre a torcida. Para isso, apontou-se para breves elementos acerca da história do futebol no mundo e no Brasil, o que também será feito sobre a torcida feminina no Brasil e no mundo, importante adendo para que se possa introduzir a questão central do estudo, a paixão feminina pelo futebol em Alagoas, com base nas narrativas das mulheres torcedoras no estado.

Todas as bases até aqui construídas são importantes para que se tenha em mente os conceitos e perspectivas utilizados para a análise das falas das torcedoras e para que se



compreenda o que permeia o contexto no qual se inserem, tendo em vista que é importante ter em mente que a situação da torcida feminina no Estado de Alagoas, embora seja uma realidade particular, não existe se destacada do todo, dos conceitos mais gerais, do contexto da inserção da emergência do futebol no mundo, e da visão de que esse esporte é, para além de uma prática esportiva, um espelho das relações sociais e culturais, influenciando e sendo influenciado por todos esses indicadores.

## 2 VISÃO GERAL ACERCA DA TORCIDA FEMININA NO BRASIL E NO MUNDO

Apontados os referenciais teóricos que embasaram o estudo aqui desenvolvido, faz-se necessário, ainda, contextualizar os elementos específicos sobre a torcida feminina no Brasil e no mundo, visto que é importante situar, a partir da visão anteriormente apresentada sobre o desenvolvimento do futebol no Brasil e no mundo, como as mulheres foram inseridas nesse contexto para, posteriormente, se analisar como se desenvolve a paixão feminina pelo futebol em Alagoas.

Nesse sentido, os primeiros anos do futebol no Brasil contaram com uma marcante presença das mulheres nos estádios, da mesma forma que de famílias, isso no início do século XX, no entanto, com o passar do tempo, os estádios vão se esvaziando da presença das mulheres e se consolidando como um ambiente masculino (SILVA, 1996, p. 50).

A questão da inserção das mulheres nos espaços do futebol não pode ser entendida se dissociada da questão de gênero, dessa forma, é importante ressaltar que:

A discussão sobre o papel da mulher e do homem na sociedade é há muito tempo debatida, uma vez que desde pequenas as crianças são instruídas a agirem de modo característico ao seu sexo. [...] Igualmente ocorre em relação ao futebol. No Brasil, o senso comum estabeleceu que “futebol é coisa para homem”, e que a mulher é representada como um sujeito que deve ficar fora deste campo. Não é surpreendente que os homens geralmente tenham a tendência de se opor às tentativas das mulheres em participar ativamente de esportes, pois eles consideram o mundo do esporte como uma reserva particular (MENEGOTTO, 2011, p. 21-22).

Depreende-se da fala do autor que os posicionamentos contrários à participação feminina no futebol, seja como torcedora ou como jogadora, assim como as demais relações observadas quando analisado o futebol enquanto microsistema social que reflete as relações que se desenvolvem na sociedade como um todo, não estão dissociados desse contexto, pelo contrário, seguem a mesma lógica e apresentam-se com o mesmo sentido. Ou seja, se o futebol é entendido como um espaço eminentemente masculino e não feminino ou misto, é porque as relações sociais levaram a isso (MENEGOTTO, *op. cit.*).

Goellner (2000 apud BAMBIRRA, 2010, p. 9) assevera que é indiscutível que as mulheres têm aumentado a participação no futebol, entretanto, “[...] tal presença precisa ser vista sob duas óticas. A primeira, da transgressão, ao romper com a velha máxima de que futebol ‘é coisa para macho’. E a segunda é a adequação aos valores e práticas comuns a esse esporte”.

Tratando da história das torcidas, Capellano (1999) apud Ecoten e Corsetti (2010) atribui às mulheres a utilização do termo torcedor, afirmando que a popularização de tal expressão está diretamente relacionada à prática de torcer realizada pelas mulheres nos estádios. Na fala do autor, como certas condutas não condiziam com a feminilidade, tais como gritar e chorar, elas levavam pedaços de pano para os estádios e os torciam, enquanto apoiavam seus times, como forma de aliviar a tensão, esse hábito populariza a expressão torcedoras e, posteriormente, amplia seu alcance para todas as pessoas (homens e mulheres) que incentivam suas equipes nos estádios e fora deles (CAPELLANO, *idem*, pp. 28-29 apud ECOTEN; CORSETTI, *op. cit.*, p. 4):

Como visto, é indiscutível que as mulheres têm sua importância e vêm conquistando seu espaço no mundo do futebol, inclusive como estratégia para tornar os estágios ambientes familiares novamente, como no início da história do futebol no país (SILVA, 1996, p. 56).

Nesse sentido, no início da história do futebol no Brasil, o esporte era familiar e elitizado, no entanto, com sua popularização e “invasão” de homens de todas as idades, classes sociais e regiões do país, as famílias e as mulheres foram se afastando dos estádios e do futebol. É esse o contexto histórico apresentado por Filho (1964) apud Silva (2010), o qual aponta que o futebol era um momento de confraternização que ocorria normalmente depois das missas e reunia homens e mulheres, famílias inteiras, que seguiam para os campos para interagir, moças torcendo, rapazes jogando, numa espécie de ritual que apresentava suas especificidades, moças se arrumando mais do que para as missas, exibindo cores e penas, colorindo as arquibancadas, e rapazes indo se exibir nos lugares mais próximos a elas (FILHO, 1964, p. 62 apud SILVA, *op. cit.*, p. 52).

É nesse sentido que Brasão afirma que desde a chegada do futebol no país a participação da mulher pode ser observada, mantendo uma regularidade desde então, embora haja uma reconfiguração ao longo do tempo, no entanto, mais próxima à perspectiva da assistência. Nesse ponto, a participação da mulher sempre foi vista como uma participação secundária, para “abrilhantar” os estádios, como apoio para os jogadores, um incentivo para a exibição de sua força e destreza. Assim, como assistentes, secundárias e adornos, é que a participação das mulheres no futebol nunca foi dispensada, embora tenha variado ao longo dos anos (BRASÃO, 2004 apud SOUZA NETO; CAMPOS; SILVA, 2013, p. 4).

Como visto, os autores afirmam que o papel inicial, e ainda preponderante das mulheres nos jogos de futebol é secundário, de apoio aos jogadores e times. as mulheres eram

tidas como adereços, que frequentavam os estádios de futebol para embelezar as partidas, encorajar os jogadores, servindo como enfeites para os locais, de modo que nada se falava quanto ao conhecimento que elas possuíam sobre jogos de futebol ou funcionamento e organização de seus times.

Essa é também a introdução apresentada por Mendes, que afirma que na história do futebol no Brasil, às mulheres sempre foi delegado o espaço da assistência, tendo sua presença sempre sido notada nas arquibancadas. Essas mulheres, assim como os jogadores de futebol da época do surgimento do futebol no Brasil, pertenciam às camadas mais abastadas da sociedade, ocupando um novo espaço de sociabilidade, moderno e elitizado, sempre acompanhadas por familiares, na maioria homens, que se dedicavam a apreciar o futebol (MENDES, 2016, p. 110).

Acrescenta-se, aqui, extraindo-se da fala do autor acima citado, a questão da condição econômica das mulheres que frequentavam jogos de futebol em sua emergência no Brasil, não apenas das mulheres, do público em geral, mas destaque-se que as mulheres eram de classe alta e a ida aos estádios era tida como uma demonstração de *status*, mais do que apreciar o esporte, as mulheres iam para demonstrar sua situação econômica e a posição que ocupavam na sociedade, iam, não por elas, mas como acompanhantes de seus familiares ou amigos. Os homens participavam da torcida para apreciar o esporte, as mulheres, por outro lado, para embelezar o estádio.

O momento atual apresenta um novo panorama, com a reaproximação da mulher do mundo do futebol, não mais como um adereço, e sim de forma bastante atuante. Demonstrando interesse e dedicação aos times pelos quais torcem, elas se envolvem nas torcidas e mudam as características do torcer, não apenas indo aos estádios acompanhadas de familiares, namorados e amigos, mas também sozinhas (SILVA et al., 2016, p. 198).

Uma breve leitura acerca da história da emergência do futebol no Brasil demonstrou que as mulheres sempre estiveram presentes, com maior ou menor participação ao longo do tempo.

Nesse ponto, o futebol deve ser entendido não apenas como o jogo disputado em campo, mas como todo o conjunto de eventos que o circundam, tal qual afirmam Campos, Augusto e Silva (2010, p. 1), para os quais o futebol pode ser visto enquanto possibilidade de lazer, festa, encontro, rede de sociabilidade e, nesse contexto, a participação de espectadores ou torcedores contribui para o funcionamento do espetáculo.

No âmbito das torcidas de futebol, a participação das mulheres é reconhecida desde os primórdios da vinda do esporte para o país. Existem relatos, inclusive, de que o termo torcedor advém da participação das mulheres nos estádios de futebol, como já mencionamos anteriormente.

Souza Neto, Campos e Silva (2013, p. 12), tratando do início da participação das mulheres nos campos e estádios de Belo Horizonte/MG, aduzem que esta ocorre conjuntamente com a própria inserção do futebol na cidade, inicialmente como ornamento e, depois, como torcedoras ativas. Essa visão das torcedoras como adornos e, posteriormente, como elementos ativos do universo cultural e social que é o futebol, no contexto mineiro, não se afasta do que mencionamos anteriormente, do papel secundário atribuído às mulheres, como assistência e torcida dedicada aos protagonistas do futebol (os homens) (SOUZA NETO; CAMPOS, SILVA, 2013).

Isso posto, na mesma linha de desenvolvimento observada no contexto geral, também em Minas Gerais a participação das mulheres no futebol parte de uma perspectiva de adorno para uma perspectiva de participação ativa, nesse sentido, “Após 1915, assumiam, de forma crescente, um papel mais ativo, reivindicando uma participação legitimamente de torcedora, seja por um clube ou por um jogador”. (SOUZA NETO; CAMPOS; SILVA, 2013, p. 12).

Assim, de ornamentos, como também disseram os autores supracitados, as mulheres passam a ocupar espaços cada vez maiores e a desempenhar um papel mais ativo, passando de espectadores inertes a torcedoras ávidas, o que é quebrado (ou diminuído) pela forma como as mulheres são culturalmente tratadas no âmbito da prática esportiva, o que Rubio e Simões (1999) afirmam que faz com que a mulher seja vista como uma invasora de um espaço eminentemente masculino.

Isso porque o esporte, em si, é visto como um espaço de atuação de hegemonia ideológica masculina, então qualquer tentativa de participação feminina é tida como algo inválido e invasivo de um espaço que não lhe pertence (RUBIO; SIMÕES, 1999, p. 50). Ou seja, mulher não pode praticar esportes, pois seus corpos não foram feitos para isso, se estendendo essa concepção também para o futebol, e mulher não pode torcer ativamente, visto que não entende a complexidade das práticas esportivas, devendo se restringir a sua participação a torcer, entretanto aqui em um sentido passivo, visando a acompanhar familiares, namorados e amigos, incentivar os jogadores, enfeitar os estádios, porém sem reivindicar qualquer participação mais ativa.

A invalidação a que se referem os autores é decorrente da hegemonia ideológica do esporte, como eles mesmos afirmam, ou seja, no início, como visto, o papel da mulher nos estádios era servir como elemento embelezador, enquanto que ao homem era reservado o papel de verdadeiro entendedor e apreciador do esporte. Elas serviam à paisagem, elas conheciam, entendiam e apreciavam o jogo.

A imprensa da época, em Belo Horizonte, apresentava o que Souza Neto, Campos e Silva (2013) chamaram de contradição nas falas, visto que, embora noticiasse o aumento da participação das mulheres nas torcidas e sua consolidação nas arquibancadas enquanto verdadeiras torcedoras, ainda se utilizavam de expressões que faziam referência a seu papel como incentivadoras dos jogadores e ornamento dos estádios, tais como: “bello sexo”, “formosas”, “graciosas”.

Ainda que com essa aproximação frágil, por motivos outros que não o interesse direto da mulher, é na primeira metade do século XX que a mulher passa a se inserir nesse espaço, sendo que nas décadas de 50/60 elas passam a realizar uma ocupação mais efetiva, conforme asseveram Rubio e Simões (1999, p.56).

Campos, Augusto e Silva destacam o aumento da participação das mulheres nos estádios afirmando que estas têm se destacado entre o público que frequenta os estádios, isso acontece desde a inserção do esporte nas cidades, ganha novas roupagens, no entanto se mantém regular e constante desde então (2010, p. 1).

Os autores tratam, ainda, da forma como as mulheres vêm enxergando os jogos de futebol, dizendo que elas vislumbram um momento de lazer e/ou de trabalho. Por fim, asseveram ainda que essa vivência enfrenta preconceitos, por exemplo, afirmações de que a mulher não pode ter um sentimento de pertencimento clubístico e demonstrar real interesse pelo jogo de futebol, ou seja, mulher não entende de futebol, aqui entendido em seus variados aspectos (técnico-tático, econômico, social, político, cultural, artístico, entre outros), e isso se deve aos papéis historicamente atribuídos aos homens e às mulheres na sociedade (CAMPOS; AUGUSTO; SILVA, 2010).

O aumento da participação das mulheres no futebol, seja nos estádios, na audiência na mídia ou na prática esportiva, mencionado anteriormente, consoante afirma Gastaldo (2006 apud SILVA et al, 2016, p. 198), não descaracteriza o futebol como sendo um espaço masculino.

Silva (et al., 2016, p. 198) diz que, embora deva ser reconhecido o avanço, devem ser destacados os preconceitos ainda presentes, sejam de natureza econômica, política ou social, que apresentam seus reflexos no âmbito dos esportes. Para os autores, os preconceitos culturalmente propagados têm reflexos no campo de futebol, apresentando-se também nesse espaço, mesmo que as mulheres já estejam inseridas nele há muito tempo. “No domínio das torcidas de futebol podemos afirmar que houve com o passar do tempo, uma crescente incorporação da mulher na esfera torcedora” (SILVA et al., 2016, p. 198).

Por fim, Gollner (2005, p. 143) direciona sua fala para tratar de argumentos para explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro: a) aproximação entre o futebol e a masculinização da mulher; b) naturalização da representação da feminilidade que estabelece uma relação entre mulher, feminilidade e beleza, na fala do autor: “Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e as lutas.” (GOLLNER, 2005, p. 143).

Entretanto, conforme assevera Franzini (2005), o que ocorre na sociedade brasileira é que “De modo geral, não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol entre nós”. O autor afirma que houve uma reação muito negativa e desestimulante à mulher enquanto jogadora de futebol, desse modo, relegou-se a ela o papel de torcedora, como se ali, sim, pudesse ser seu lugar, como adereço, mas não misturada aos demais torcedores, apenas em locais específicos, destinados a elas. Para o autor, o que acontecia era uma relação tolerada das mulheres no futebol, servindo como “[...] uma metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que nesta seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens ‘construírem a nação’” (FRANZINI, 2005, pp. 324-325).

A mulher, tal qual destaca Costa (2007), vem ganhando visibilidade enquanto torcedora de futebol, seja nos estádios ou em ambientes virtuais, levando novas demandas e significados para o futebol, desse modo, exemplifica o autor, diante de tal realidade, estão sendo desenvolvidos diversos produtos visando a atender as necessidades específicas do público feminino.

Definidas, de forma resumida, as bases teóricas que fundamentam esse estudo, parte-se agora para a apresentação dos resultados alcançados em pesquisa de campo realizada com o intuito de analisar como é e como se dá a paixão feminina pelo futebol em Alagoas.

### 3 A PAIXÃO DA TORCIDA FEMININA PELO FUTEBOL EM ALAGOAS

Nos capítulos anteriores foram delimitados os fundamentos antropológicos do futebol e da torcida, conceituada a torcida e o torcedor e traçado um breve contexto histórico do surgimento do futebol no mundo e no Brasil, bem como situada a questão da inserção da mulher nesse espaço, eminentemente masculinizado. Parte-se agora para a apresentação da metodologia e resultados alcançados no estudo que visou a conhecer as mulheres torcedoras de futebol do Estado de Alagoas e identificar como se desenvolve a paixão feminina pelo futebol no Estado.

Nesse sentido, o interesse pela realização se deu em virtude de minha experiência enquanto mulher, torcedora e frequentadora de estádios de futebol no Estado de Alagoas e, ainda, como acadêmica de Ciências Sociais na UFA. No intuito de unir essas duas áreas foi desenvolvido esse estudo, de modo que pude me inserir, agora como pesquisadora, no contexto do futebol alagoano, para entender como se dá o desenvolvimento e a participação da mulher torcedora em Alagoas.



**Figura 1** - Registro da ida a campo no dia 07/03/2018, no estádio Coracy da Mata Fonseca, aplicação do questionário no jogo entre ASA e CRB, pelo Campeonato Alagoano 2018

Sempre tive a curiosidade em tentar compreender o que leva uma mulher a ser fã por futebol. Nas várias idas ao estádio, como torcedora, sempre dediquei um tempo para observar o comportamento de algumas torcedoras, a partir daí me interessei em pesquisar sobre o tema. Diante disso, tomei a decisão de entender o que explica a paixão da torcida feminina pelo futebol. Dessa forma, passei a observar, com um olhar diferente, ainda informalmente, sempre que ia ao estádio.

Com o passar do tempo, comecei a compreender que existem várias explicações para essa paixão, fui criando algumas expectativas, levantando hipóteses e cada vez mais eu sentia que poderia, sim, haver uma explicação concreta.



Com a realização do estudo, fui surpreendida a cada ida a campo, gostei cada vez mais. Porém dificuldades existem em todas as áreas. Diante disso, confesso que, em minha primeira experiência com as torcedoras Regatianas, em alguns momentos me frustrei com a ação de algumas delas, com as quais tive um pouco de dificuldade na observação e na aplicação de questionários. Não sei identificar se minha frustração se deu por ser regatiana ou por ser a minha primeira experiência direta em campo. Mesmo com esse contratempo, consegui aplicar minha meta de questionários com sucesso.

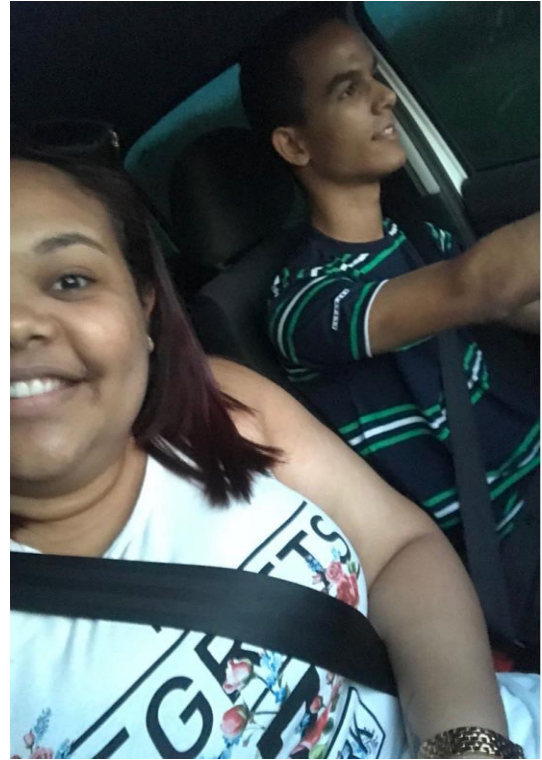


Figura 2 - Registro da ida a campo no dia 07/03/2018, no estádio Coracy da Mata Fonseca, aplicação do questionário no jogo entre ASA e CRB, pelo Campeonato Alagoano 2018

Meu segundo momento em campo foi em Arapiraca, na torcida do ASA. Viajei por duas horas até chegar ao estádio Coracy da Mata Fonseca e fui bem recepcionada por uma pessoa local que contatei anteriormente. A torcida foi muito acolhedora e receptiva, consegui aplicar os questionários sem nenhuma dificuldade e, aos poucos, fui tendo conversas informais e registrando em meu diário, dessa forma, depois eu escolheria as histórias que mais me chamassem atenção para relatar em minha pesquisa.

Por fim, em um dos jogos da final do campeonato alagoano, fui aplicar e observar a torcida azulina (CSA). Fui bem recepcionada desde a entrada ao estádio, consegui aplicar os questionários que tinha como meta e, aos poucos, fui tendo conversas informais com algumas torcedoras.

Depois da experiência de aplicar os questionários, comecei a compreender o que pode explicar essa paixão tão grande que cada torcedora tem ao seu clube do coração. E cada vez mais sentia a necessidade de responder ao meu problema de pesquisa.

Comecei, então, a contatar algumas torcedoras que, mesmo em conversas informais, chamaram a minha atenção para querer saber, com mais detalhes, o que movia essa paixão e o que explica essa paixão tão notória, essa vontade de apoiar e vibrar junto ao seu clube.

Por meio de conversas informais, consegui chegar aos meus resultados. Confesso que esse campo da pesquisa é mágico e nos proporciona conhecer várias histórias e relatos que

chegam a emocionar, esse campo de pesquisa futebolístico mexe muito com o emocional quando você também faz parte deste mundo de torcer e vibrar e apoiar seu clube independentemente de fases. Foi uma experiência sem igual.



Figura 3 - Registro da aplicação do questionário de pesquisa, no Estádio Coracy da Mata Fonseca, no dia 07/03/2018, na partida entre ASA X CRB, pelo Campeonato Alagoano 2018

A primeira coisa no desenvolvimento do estudo foi construir um projeto de pesquisa, no qual foram delineados os objetivos da pesquisa e traçados os parâmetros para colocá-la em prática. Desde o início, meu interesse foi ir a campo e interagir com as torcedoras no ambiente em que elas mais expressam sua paixão pelo esporte e pelos seus times de coração.

Assim, eu me propus a realizar o estudo por meio da etnografia, elaborando um questionário que seria aplicado, nos estádios, às torcedoras que se dispusessem a participar. Além disso, no estádio eu poderia observar as torcedoras e interagir com elas nesse ambiente. O questionário foi pensado com questões que possibilitassem a identificação das entrevistadas, conhecer essas mulheres, o contexto familiar e social no qual estão inseridas e, ainda, para conhecer os aspectos mais específicos do envolvimento delas com o futebol, desde a forma como começaram a se interessar pelo esporte, como escolheram seus times de coração e como elas expressam essa paixão.

Dessa forma, o questionário utilizado na pesquisa foi elaborado por mim (APÊNDICE 1), sendo aplicado com solicitação de colaboração voluntária e contando com questões referentes a idade, escolaridade, estado civil e endereço das entrevistadas, bem como, sobre o

time pelo qual a entrevistada torce, se ela participa de torcida organizada, se costuma ir ao estádio e com que frequência o faz, com quem vai ao estádio e se é sócio torcedor de seu time, informações essas que foram detidamente expostas mais adiante.

Assim, como visto, a pretensão do estudo foi encontrar as entrevistadas nos estádios de futebol do Estado, logo, a melhor forma de fazê-lo foi identificando um campeonato, times e partidas nas quais esta pesquisadora poderia ter acesso às entrevistadas.

Para isso, foram analisadas as tabelas de três campeonatos que se encontravam em curso nos meses de março e abril de 2018, período selecionado para a realização da pesquisa de campo, sendo escolhidos os jogos do campeonato que contava com, pelo menos, três times alagoanos participantes e cujas partidas fossem acontecer no período delimitado, em estádios localizados, preferencialmente, no município de Maceió/AL ou municípios próximos, visto que a presente pesquisa não conta com subsídios de nenhuma natureza, de modo que a autora teria que despender os recursos necessários para a aquisição de ingressos para as partidas selecionadas e, ainda, para o transporte até os locais dos jogos, a depender de onde esses fossem ocorrer.

Sendo assim, observou-se que estavam em curso o Campeonato Alagoano 2018, a Copa do Nordeste 2018 e o Campeonato Brasileiro 2018, os quais contavam com clubes alagoanos ainda participantes no período selecionado para análise e com jogos previstos para acontecer no município de Maceió/AL ou municípios circunvizinhos, chegando-se às informações sintetizadas no quadro 1, a seguir:

**QUADRO 1 – Campeonatos em curso no período de março a abril de 2018, com participação de times alagoanos**

Campeonato Alagoano 2018		Copa do Nordeste 2018		Campeonato Brasileiro 2018	
Times	Jogos restantes	Times	Jogos restantes	Times	Jogos restantes
Santa Rita CSA* CRB* CEO Murici Coruripe* ASA* Dimensão Saúde CSE	Oitava rodada 04/03  Nona rodada 07/03  3º Lugar 31/03 e 04/04  Semifinal 14/03 e 18/03  Final 01/04 e 08/04	CRB* CSA  *time classificado para as quartas de final	4ª rodada 10/03 e 11/03  5ª rodada 20/03 e 22/03  6ª rodada 28/03 e 29/03  Quartas de final 10/05	CSA CRB	1ª rodada 13/04 e 14/04  2ª rodada 20/04 e 21/04  3ª rodada 24/04 e 27/04
*times classificados para a semifinal					

**Fonte:** Elaborado pela autora.



Figura 4 – Torcedora do ASA respondendo ao questionário de pesquisa, na partida entre ASA x CRB, pela 9ª rodada do Campeonato Alagoano 2018, em 07/03/2018.

Nesse sentido, como visto, apenas o Campeonato Alagoano atendeu a todos os requisitos elencados pela autora para a pesquisa. Dessa feita, foram selecionados os três maiores e mais populares clubes do Estado de Alagoas, dois da capital e um do interior, CSA, CRB e ASA, sendo selecionados os jogos que aconteceriam: nos dias 04/03/2018, em Maceió (CRB X CSA) para aplicação de questionários para a torcida do CRB; 07/03/2018, em Arapiraca (ASA X CRB) para aplicação dos questionários junto à torcida do ASA e; 01/04/2018, em Maceió (CRB X CSA) para aplicação dos questionários junto à torcida do CSA, *vide* Anexos 2, 3 e 4.

O estudo realizado tratou-se de uma etnografia, a qual é definida por Damo (2012, p.

46) como sendo uma estratégia que visa a não apenas à obtenção de dados, mas ao diálogo e experimentação, conforme segue:

No âmbito da antropologia, existem múltiplas formas de entendimento do que seja a etnografia para além de uma estratégia para a obtenção de dados, definindo-a como um contexto de diálogo e experimentação, no qual interpretações consolidadas no espectro das teorias são confrontadas com aquelas produzidas pelos ‘nativos’, que passam, assim, da condição de informantes à de interlocutores (DAMO, 2012, p. 46).

Assim, no estudo, eu pude observar as torcedoras, conversar com elas nos estádios, conhecer suas histórias e a partir de seus relatos analisar as informações confrontando-as com os estudos antropológicos apresentados nos capítulos anteriores.

Nesse sentido, Andrade e Braga (2014, p. 9) tratam a etnografia sob o seguinte aspecto:

George Marcus (2001) e Edison Gastaldo (2013) entendem a etnografia multissituada como aquela que toma a observação e coleta de dados de um determinado objeto de pesquisa em diferentes contextos de investigação. Nas palavras de Marcus (2001: 111) esta abordagem “sale de los lugares y situaciones locales de la investigación etnográfica convencional al examinar la circulación de significados, objetos e identidades culturales en tiempo-espacio difuso”. Este autor acrescenta que tal tipo de pesquisa “define para sí un objeto de estudio que no puede ser abordado etnográficamente si permanece centrado en una sola localidad intensamente investigada”. Ou seja, trata-se de ampliar os horizontes da pesquisa buscando incluir novos lugares e situações que enriquecem a qualidade dos dados e

proporcionem a observação de diferentes contextos de investigação (ANDRADE; BRAGA, 2014, p. 9).

Para os autores, como visto, a etnografia pode tomar um objeto e observá-lo sob diferentes contextos. E complementam:

No caso, o que se busca em uma etnografia multissituada é aprender pela observação participante outras realidades, diferentes dimensões do ato de torcer. Neste sentido é possível observar a manifestação de torcedores em um espaço adaptado para futebol profissional, mesmo que em condições de acomodação precárias, ou reunidos em volta de uma televisão para torcer coletivamente a distância, pelo time do coração que joga em outra cidade ou mesmo em um novo e moderno estádio de futebol (ANDRADE; BRAGA, 2014, p. 9).

No presente trabalho aplicou-se a etnografia multissituada, ou seja, sob diferentes contextos, observando as torcedoras alagoanas nos estádios e analisando no contexto do esporte, social e familiar em que elas estão inseridas. Assim, no caso concreto, no que diz respeito à coleta de dados para o estudo nos estádios e das torcidas de futebol, os autores afirmam que esse é um meio de observar os torcedores em um espaço propício à prática do futebol, em um contexto adequado às suas manifestações de torcida. E a análise de dados referentes aos aspectos da vida em família e comunidade dessas torcedoras propicia a multiplicidade de contextos de análise no estudo. Esse, portanto, foi o método utilizado para a observação, coleta e análise de dados no presente estudo.



Figura 5 – Torcedoras regatianas no jogo entre CRB x CSA, pela 8ª rodada do Campeonato Alagoano 2018, em 04/03/2018

Por fim, resta informar, ainda, que a autora elaborou, além dos questionários respondidos pelas entrevistadas, um diário de campo, relatando suas impressões e experiências no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, cujo resumo será apresentado juntamente com os resultados da observação, da coleta de dados e da análise dos dados coletados. Importante salientar que, além disso, as informações obtidas na experiência prática foram confrontadas com os referenciais teóricos sobre futebol e torcida.

Nesse sentido, foi possível, por exemplo, verificar os reflexos que as relações entre os torcedores alagoanos exercem sobre o meio social e este sobre aquelas e, da mesma forma,

apreender como ocorre a construção das relações das torcedoras com seus clubes de coração e a forma como elas expressam essa paixão, não mais se apresentando naquele aspecto decorativo, mas se apoderando dos espaços e atuando de forma ativa e participativa dos jogos, nos estádios e fora deles.



Figura 6 – Torcedoras do Movimento Feminino Mancha Negra respondendo ao questionário de pesquisa, na partida entre ASA x CRB, pelo Campeonato Alagoano 2018, em 07/03/2018

Além disso, foram colhidos relatos de algumas torcedoras, nos quais foi solicitado que elas falassem sobre a forma como foram iniciadas na torcida por seus times, como as escolheram, se sofreram algum tipo de influência de amigos ou familiares, e como se dá essa relação entre elas e seus clubes, visando a identificar mais detidamente como elas visualizam e analisam sua relação com o futebol, com seus clubes, com a torcida do clube e adversários, entre outros aspectos que julgassem relevantes. Esses relatos, bem como os comentários da autora sobre eles, foram transcritos ao final da apresentação dos resultados da pesquisa.

### 3.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1.1 Breve histórico sobre os clubes pesquisados

Inicialmente, é importante apresentar os clubes que foram pesquisados no presente estudo, visto que, não apenas seus estádios, mas todo o contexto que os envolve perpassam a

questão da formação de sua torcida e, ainda, da identificação das torcedoras alagoanas com ditos espaços.

Nesse sentido, de forma sucinta e seguindo a ordem de ida aos estádios, iniciamos nossa apresentação pelo CRB – Clube de Regatas Brasil foi criado em 1911, no bairro da Pajuçara, com a fundação do Clube Alagoano de Regatas. Por um desentendimento de sua diretoria inicial, em 20/09/1912 foi criado o Clube de Regatas Brasil.

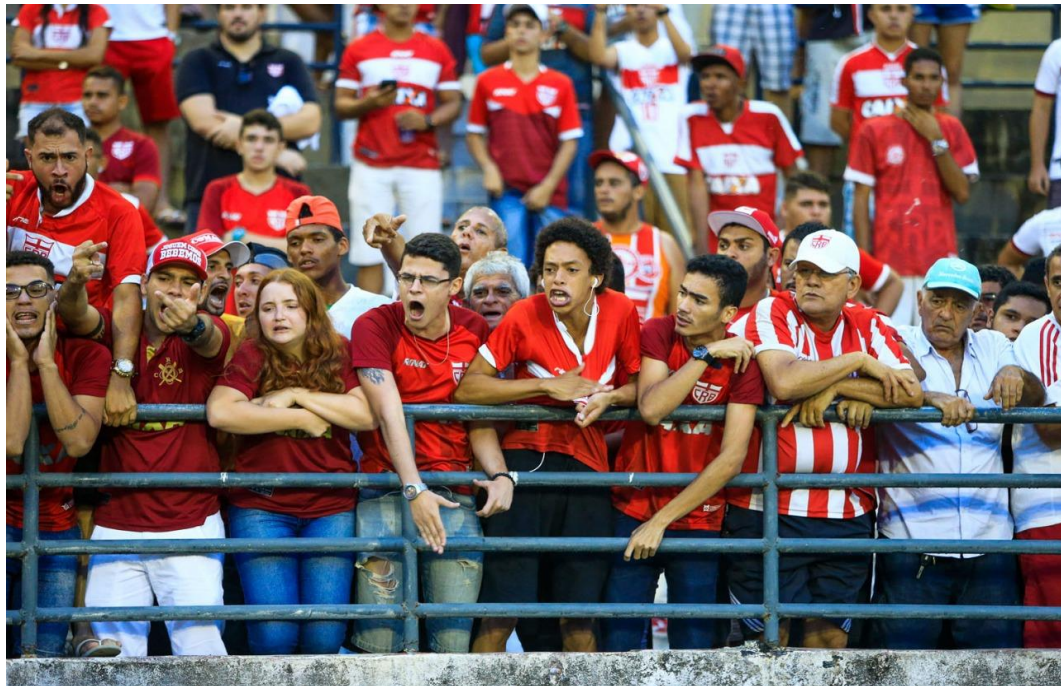


Figura 7 – Registro da torcedora Débora, do CRB, no meio de vários outros torcedores, na partida entre CRB x Vila Nova, pelo Campeonato Brasileiro 2018, Série B, em 21/04/2018

O ASA – Agremiação Sportiva Arapiraquense, fundado em 25/09/1952, com o nome de Associação Sportiva de Arapiraca, para suprir o espaço deixado pelo time Ferroviário, formado em 1951, pelos funcionários da empresa Camilo Colier, que estava construindo a estrada férrea na cidade de Arapiraca, na época.



Figura 8 – Camila Barbosa, torcedora do ASA, em Curitiba, em jogo pelo Campeonato Brasileiro, Série C, em 2013 (arquivo pessoal da torcedora).

Por fim, o CSA – Centro Sportivo Alagoano, fundado em 07/09/1913, inicialmente denominado Centro Sportivo Sete de Setembro na Sociedade Perseverança e Auxiliar dos



Figura 9 – Mariana, torcedora do CSA, respondendo ao questionário de pesquisa, na partida entre CSA x CRB, no 0º jogo da final do Campeonato Alagoano 2018, em 01/04/2018.

torcedoras do CRB, 34 (trinta e quatro) para torcedoras do CSA e 31 (trinta e um) para torcedoras do ASA, a maior parte respondida em sua integralidade e alguns respondidos em parte ou não respondidos, visto que a solicitação de participação foi um convite, tendo participado apenas as torcedoras que tiveram interesse em fazê-lo.

No que diz respeito à idade das entrevistadas, os resultados apontaram que a média de idade entre as torcedoras do CSA é de 26 (vinte e seis) anos, sendo que a mais jovem entrevistada contava com 13 (treze) anos e, a

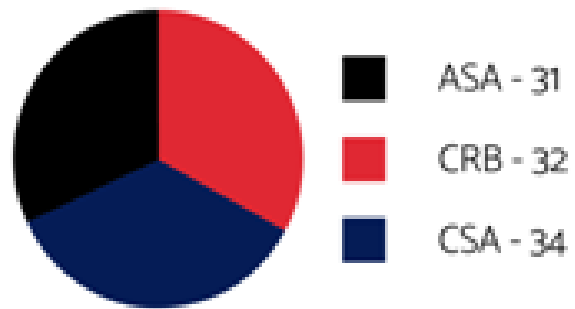
FAIXA ETÁRIA			
	ASA	CRB	CSA
MÉDIA	32 anos	25 anos	26 anos
MENOR	14 anos	13 anos	13 anos
MAIOR	64 anos	52 anos	69 anos

mais jovem com 14 (quatorze) anos e a mais velha com (sessenta e quatro) anos.

Empregados no Comércio. Em 1915, o nome foi modificado, passando para Centro Sportivo Floriano Peixoto, alcançando a nomenclatura atual apenas em 13/04/1918.

### 3.1.2 Resultados das observações e coleta de dados

Foram aplicados, ao todo, 97 (noventa e sete) questionários, sendo 32 (trinta e dois) para



Total de entrevistadas = 97

mais velha, com 69 (sessenta e nove) anos. A menor média de idade ficou entre as torcedoras do CRB, com 25 (vinte e cinco) anos, sendo a mais jovem com 13 (treze) anos e a mais velha com 52 (cinquenta e dois) anos. Quanto às torcedoras do ASA, essas apresentaram a maior média de idade, com 32 (trinta e dois) anos, sendo a





Figura 10 – Irmãs gêmeas, torcedoras do CSA, com a avó na partida entre CSA x CRB, no 1º jogo da final do Campeonato Alagoano 2018, em 01/04/2018.

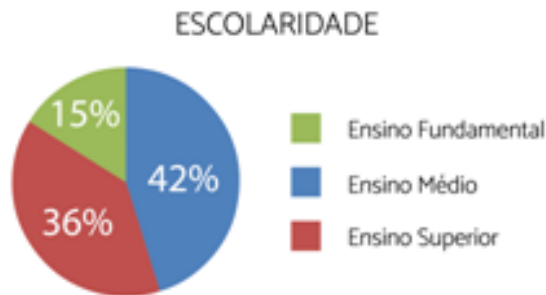
A surpresa nesse indicador fica por conta da disparidade existente entre a idade dos clubes e de suas torcedoras. Nesse sentido, o ASA, clube mais jovem entre os selecionados, conta com a torcida feminina com maior média de idade, enquanto CRB e CSA contam com torcedoras mais jovens. Isso significa dizer que há uma renovação na torcida feminina desses clubes, ambos da capital alagoana, levantando-se os seguintes questionamentos quanto à inserção dessas mulheres no ambiente do futebol: Como elas chegaram aos clubes? Como os escolheu? Por que esses clubes, especificamente? É isso que se tentou

responder no decorrer do estudo.



Figura 11 – Registro de algumas torcedoras na festa de um ano do Movimento Popular Bravos Regatianos, em 2017 (arquivo pessoal).

Em relação ao nível de escolaridade das torcedoras, a maior parte das torcedoras possui o ensino médio (42%), equilibrado com o percentual referente a quem possui nível superior completo ou incompleto (36%), sendo minoria as torcedoras que contam apenas com



ensino fundamental (15%). Os menores índices quanto ao ensino superior, cursando ou completo, está entre as torcedoras do ASA, estando empatadas as torcedoras de CSA e CRB.

Tendo em vista que a média de idade das torcedoras entrevistadas inclui pessoas com 13 (treze) anos, idade regular para frequentar o ensino fundamental, isso justifica o representativo número de mulheres que possui essa escolaridade.

No que diz respeito ao estado civil das torcedoras entrevistadas, a maioria respondeu ser solteira (64%), enquanto que as casadas representam 25% do total. Apesar disso, a frequência ao estádio em companhia de namorado foi apontada 24 (vinte e quatro) vezes, enquanto a família recebeu 26 (vinte e seis) indicações, sendo maior a frequência ao estádio na companhia de amigos, conforme 29 (vinte e nove) indicações.

#### COMPANHIA NOS ESTÁDIOS

24 - Namorado  
26 - Família  
29 - Amigos

MÃES - 17  
PAIS - 09



Figura 12 – Cássia Santos, torcedora do CRB, em jogo do CRB x CSA, 1º jogo do Campeonato Alagoano 2016

Nesse ponto, importante retomar um aspecto da história do futebol, especialmente no que diz respeito à participação das mulheres nas torcidas, na qual as mulheres eram vistas como adornos e iam aos estádios para acompanhar seus familiares e maridos, tendo como plano de fundo a ideia de que a mulher não entendia de futebol, apenas atuava como secundária. Desse modo, em Alagoas, o que pode ser observado é que as mulheres que frequentam os estádios o fazem, não como adereços, mas como atores, indo por seus próprios interesses, pela sua paixão pelo esporte e pelo clube ao qual pertencem e que lhes pertence.

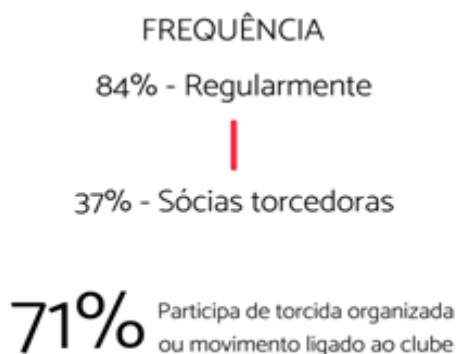
Esses dados podem ser complementados pelas informações apresentadas por Damo (2012) que, em suas pesquisas, analisou o grau de influência exercido pelos familiares no processo de escolha do time de coração pelas mulheres, alcançando os seguintes resultados:

Em praticamente 70% dos casos, a escolha do clube, dito do coração, fora feita por influência da rede de sociabilidade familiar – avô, pai, irmão, tio, primo, sobretudo – ou muito próxima a ela – padrinho e amigos de infância e/ou adolescência (DAMO, 2012, p. 62).

Merece destaque que, em nossa pesquisa, as mães foram apontadas como maiores acompanhantes das filhas em suas idas aos estádios de futebol, com 17 (dezesete) indicações, enquanto 09 (nove) pessoas indicaram que são acompanhadas pelos pais em suas idas aos estádios de futebol. Desse modo, diferentemente do que ocorreu na pesquisa de Damo (2012), mencionada acima, alhures mencionada, aqui a influência masculina, pelo menos na frequência das torcedoras aos estádios de futebol, é menor que a feminina.

As pesquisas de Campos (2010, p. 01) também apontam para a mesma conclusão alcançada por Damo, conforme segue:

Os dados encontrados no formulário apontam que esse grupo social é formado por um elevado número de mulheres que adotam a ida ao estádio como uma opção de lazer. Elas variam em idade, formação profissional, local de residência, condições econômicas e formas de se relacionar com o Cruzeiro. Ao dar voz às que estão sempre presentes no estádio, apontou-se que a família, principalmente o pai, tem grande influência na escolha por esse clube (CAMPOS, 2010, p. 01)



Em relação à frequência das torcedoras aos estádios, dentre as entrevistadas, cerca de 84% (oitenta e quatro por cento) informaram ir com frequência ao estádio, havendo maior frequência entre as sócias torcedoras, as quais representam apenas 37% (trinta e sete por cento) das entrevistadas.

A maior parte das entrevistadas, ainda, informou não fazer parte de torcida organizada ou de qualquer movimento ligado ao clube pelo qual torce (71%).



Figura 13 - Entrevista com torcedoras regatianas e azulinas na TV Ponta Verde, em 02/03/2018

Diante desses resultados, pode-se concluir que a paixão das mulheres alagoanas pelo futebol tem maior ligação com as relações familiares do que com relações de amizade ou namoro/casamento, sendo que, no seio familiar, quem mais acompanha as mulheres aos estádios de futebol são suas mães, não havendo como se concluir que a escolha dos times pelos quais as torcedoras alagoanas torcem tem relação com imposição familiar de pais, avós, irmãos, etc., tal qual constatado nas outras pesquisas realizadas pelos autores citados.

Além disso, é possível perceber que a torcedora alagoana é a mulher jovem, solteira e com nível de escolaridade condizente com sua idade. Em relação à escolaridade das torcedoras, um adendo se faz necessário. Quando dissemos que o nível de escolaridade condiz com a idade delas, isso é apenas em relação à idade para ingresso e avanço nos anos de ensino (primeiro, segundo, terceiro ano do ensino fundamental ou médio), contudo, é de se destacar que isso não significa dizer que essas mulheres tiveram amplo acesso à educação, pois existem muitos fatores que influenciam o ingresso e a permanência das pessoas na escola, em especial, mulheres, devendo-se ter em mente questões culturais, sociais, econômicas, que exercem forte influência nesse aspecto. Mas o que essa torcedora tem a dizer sobre sua participação nas torcidas? É isso que vemos a seguir.

Nesse ponto da pesquisa, foi dada voz a algumas das torcedoras entrevistadas, as quais se voluntariaram para descrever, com suas palavras os sentimentos que nutrem por seus clubes e explicar como iniciaram essa relação. Dessa forma, foram selecionadas 03 (três) torcedoras de cada um dos clubes pesquisados, com idades entre 19 (dezenove) e 31 (trinta e um) anos, tendo sido os relatos colhidos e transcritos tal qual expressos pelas interlocutoras e registrados nos diários de campo desta pesquisadora.



Figura 14 - Camila Barbosa, torcedora do ASA, no Estádio Coracy da Mata Fonseca, em 2010 (arquivo pessoal)

Ao contrário da predominância da companhia feminina nos estádios, relatada nos formulários das entrevistas, os depoimentos das torcedoras mostram grande influência dos pais, avós ou irmãos sobre a paixão dessas torcedoras por seus times, conforme se observa nos trechos dos relatos, a seguir transcritos:

-A paixão pelo futebol nasceu desde a infância, sou filha única, mas a vontade do meu pai era que eu fosse um menino, daí desde sempre fui ao estádio com ele, fui gostando de frequentar o estádio e hoje vou a todos os jogos em casa, e como sempre continuo indo com a minha maior motivação que é meu pai [...] sou grata ao meu pai pela influência que tive dele para torcer pelo ASA, não só por ser o time da cidade, mas também por ser algo que ele é apaixonado (Cibely Barbosa Soares – 25 anos – torcedora do ASA).

-Desde pequena fui influenciada pelo meu pai, que tem uma paixão inexplicável pelo ASA, daí passei a torcer [...] (Camila Barbosa da Silva – 24 anos – torcedora do ASA).

-Sempre vi meu avô falar sobre o ASA, mostrava claramente o amor que sentia e a felicidade que tinha em ir ao estádio, isso foi despertando a paixão que sinto hoje e sou grata ao meu avô por essa linda herança (Eduarda Pereira da Silva Leite – 26 anos – torcedora do ASA).

-Regatiana de longa data é a frase que eu mais me identifico, vem de berço. Meu pai sempre me ensinou a amar o CRB e vai ser a melhor herança que ele poderia me deixar. (Débora Ferreira da Silva – 19 anos – torcedora do CRB)

-[...] acredito que meu pai e meu irmão foram as pessoas que contribuíram para a minha paixão. (Andressa Catarine dos Santos Sales – 24 anos - torcedora do CRB).

-Então, minha paixão pelo CSA iniciou ainda na infância, meu pai meu maior motivador sempre nos levou ao estádio, então minha paixão foi aumentando com o passar dos tempos (Cintia Calheiros – 27 anos – torcedora do CSA)

Como foi observado, os relatos das torcedoras indicam que elas foram iniciadas na torcida desde muito jovem, desde a infância, além disso, os pais estão sempre presentes em algum momento. Contudo, além de serem influenciadas, as torcedoras exercem influências

sobre as pessoas ao seu redor, foi o caso da Rafaella Bento Maciel Guimarães, de 26 anos, torcedora do CRB, que afirma:

Minha paixão pelo CRB começou assim. Eu, antes mesmo de me casar com meu esposo, já gostava de futebol, do CRB, sempre assistia aos jogos, mas não tinha oportunidade de ir ao estádio, pois meus pais não deixavam, ainda mais morando no interior. Eu ganhei uma blusa oficial do CRB do meu namorado, noivei, casei, ele também gostava do time, mas não frequentava. Depois que casei é que comecei a frequentar o estádio. Eu tive uma filha e no primeiro mês-versário dela foi do CRB, meu esposo a presenteou com a primeira camisa. Daí por diante, minha filha começou a me acompanhar ao estádio, com meses de nascida. Minha filha começou a aprender que o time do CSA era um time que a gente não gostava, hoje, ela escolhe ir para os jogos. Hoje ela está com cinco anos, já perdi as contas de quantas vezes ela já foi ao estádio. Meu amor pelo CRB começou assim, foi de repente, mas ao mesmo tempo não. Sou tão louca pelo CRB que tenho uma tatuagem do time, meu esposo também e minha filha diz que a primeira tatuagem dela será do CRB também. Eu tenho um carinho enorme pelo CRB, sou de chorar, de sorrir, de ficar triste. Pago meu sócio torcedor, só deixo de pagar quando realmente não der mais, tenho maior prazer de pagar, pelo prazer de ajudar o clube e de chegar na minha hora de lazer eu curtir o que eu gosto. Geralmente, quando uma família vem para o time é pelos pais, mas meu caso não foi assim, meu pai é carioca, minha mãe não tinha relação com os times alagoanos. Meus pais foram influenciados por mim, pela minha filha e pelo meu esposo. Toda a minha família começou a torcer pelo CRB por influencia minha.

Rafaella começou a frequentar o estádio após o casamento, no entanto, sua relação com seu time de coração existia antes disso e, hoje, ela influencia tanto a filha quanto os pais. Destaque-se na fala da torcedora que sua influência sobre a filha incide não apenas sobre a paixão pelo time de coração (CRB), mas também pela rivalidade e rechaçamento ao time adversário (CSA), bem como ressalte-se a forma como a criança se inspira nos pais, influência essa evidenciada na fala da entrevistada quando diz que a criança quer uma tatuagem do time, do mesmo jeito que os pais têm.

Outras torcedoras afirmaram que sua paixão pelos clubes de coração teve início por fatores outros, estranhos às relações familiares:

-Sempre tive influência do futebol, desde pequena. Iniciei a loucura pelo CSA aos 9 anos quando comecei a entender mais sobre o que era o time e o esporte, desde então acompanho 100% o clube em todos os momentos. Minha maior motivação foi o próprio CSA [...] (Elouyse Alves dos Santos – 19 anos – torcedora do CSA).

-Minha paixão pelo CSA começou desde pequena, pois fui criada em frente ao estádio Gustavo Paiva, então sempre fui ao campo do CSA, amava ir aos jogos, frequentava bastante os clássicos [...] (Walkiria Maria dos Santos – 31 anos – torcedora do CSA).

Duas torcedoras do ASA apontaram, ainda, um destaque à questão de se manter a fidelidade ao clube mesmo quando este vem enfrentando uma fase ruim nas competições, conforme segue:

-[...] não existe fase ruim, somos sócios [...] (Cibely Barbosa Soares – 25 anos – torcedora do ASA)

-Mesmo estando passando pela fase atual, mas a certeza é que meu gigante irá se levantar e voltar a brilhar e ficar forte. (Eduarda Pereira da Silva Leite – 26 anos – torcedora do ASA).

-Ter amor a um time e chegar ao nível máximo das emoções, independente de fases e momentos ruins, afinal, é o que nos ensina a amar mais ainda, pois a má fase passa, mas o CRB é eterno! (Debora Ferreira da Silva – 19 anos – torcedora do CRB).

Algumas torcedoras relataram ainda como se comportam nos jogos, o apoio ao time, a participação, a entrega, a paixão:

-[...] torço e vibro pelo ASA, ele é o time que representa a minha cidade natal. (Camila Barbosa da Silva – 24 anos – torcedora do ASA).

-[...] é impossível descrever como é bom estar no campo vendo meu alvinegro jogando, estar cantando para incentivar, gritar até ficar sem voz, pulando até as pernas não aguentarem [...] (Eduarda Pereira da Silva Leite – 26 anos – torcedora do ASA).

Esse comportamento de participação, entrega e paixão demonstra a mudança no comportamento das mulheres nos estádios e a ruptura com aquela visão da mulher adereço, que vai aos estádios apenas para colori-lo e enfeitá-lo com sua beleza e feminilidade. As mulheres torcedoras alagoanas, como visto, mantêm uma participação ativa dentro e fora dos estádios, não se contêm nas formas como expressam sua paixão pelo clube, entendem de futebol e torcida e, além do papel de apoio, também realizado pelos homens, incentivam seus clubes, conhecem, criticam e buscam o crescimento da equipe, sentindo os jogos como parte de todas as ações que envolvem a prática esportiva dentro e fora do campo.

Alguns relatos ainda trataram da questão da violência nos estádios:

[...] sempre vou aos jogos, porém, jogos em que existe a rivalidade entre as torcidas não vou [...] (Camila Barbosa da Silva – 24 anos – torcedora do ASA).

-[...] hoje que tenho receio de ir aos jogos devido a violência, mas ainda vou [...] (Walkiria Maria dos Santos – 31 anos – torcedora do CSA).

Nesse ponto, cabe lembrar que os autores mencionados no primeiro e segundo capítulos desse trabalho falam que o afastamento das mulheres e das famílias dos estádios se deu em virtude do aumento da violência nos estádios, tendo sido realizadas inclusive campanhas publicitárias pelos clubes para atrair esse público de volta.

Por fim, outro ponto que merece destaque é quando as torcedoras descrevem seu sentimento em relação aos clubes de coração. “Inexplicável” e “paixão” são termos recorrentes:

-[...] é uma paixão inexplicável. [...] Só sei que ser alvinegra é bom demais. (Eduarda Pereira da Silva Leite – 26 anos – torcedora do ASA).

- Acredito que torcer pelo CRB é a paixão mais intensa da vida do torcedor, muitos loucos como eu, respiram o CRB, e tenho certeza que esse sentimento nunca vai

acabar, o sentimento alvirubro, que sempre vai ser imortal. (Debora Ferreira da Silva – 19 anos – torcedora do CRB).

- Com a ida passei a sentir algo inexplicável, daí notei que no estádio era o meu lugar, hoje sou loucamente apaixonada pelo Clube de Regatas Brasil [...] (Andressa Catarine dos Santos Sales – 24 anos – torcedora do CRB).

.- [...] minha paixão é inexplicável e acredito que vou morrer CSA, porque minha paixão é imensa. (Walkiria Maria dos Santos – 31 anos – torcedora do CSA).

A participação das mulheres, então, não é inerte, sua paixão não é simplesmente pela influência de seus pais, namorados e maridos, mas inicia e se perpetua também pelo seu próprio envolvimento com o esporte e com seus clubes. As mulheres, portanto, não são e não aceitam mais exercer esse papel de adereço que lhes foi atribuído.

Como demonstrado, há ainda muito que se estudar acerca das relações que perpassam as questões existentes entre as mulheres e o futebol no Brasil e em Alagoas.



## CONCLUSÃO

Como exposto, o futebol, muito rechaçado pelos estudiosos no início de sua importação para o Brasil, agora pode ser entendido como um vasto e propício objeto de estudo para as ciências sociais e demais áreas do saber.

Assim, é de se destacar que o futebol não é uma criação brasileira, tampouco foi importado e imediatamente adaptado à realidade do país, sendo trazido por representantes da elite nacional e tendo sua atuação restrita à classe mais abastada da sociedade.

Posteriormente, seguindo o caminho inverso do que ocorreu na Inglaterra, o futebol é popularizado no país, passando a ser praticado pelas camadas menos favorecidas da sociedade e, assim, se espalhando por todo o território nacional.

No Brasil, a relação das mulheres com o futebol sempre foi restrita a uma forma de atuação mais passiva, de modo que, refletindo o papel que lhe era socialmente atribuído, a mulher sempre foi relegada a uma participação de apoio, fora da prática do esporte e, ainda, como torcedora, de alguém que pode incentivar e torcer, mas não necessariamente entende o funcionamento do jogo, visto que a este sempre foi atribuída uma visão de espaço eminentemente masculino.

O estudo, realizado no âmbito do futebol alagoano, apresenta a torcedora alagoana como sendo uma mulher jovem, com escolaridade compatível com sua idade, solteira e que se identifica com um clube de futebol, tendendo a acompanhar os jogos do clube, salvo em ocasiões em que haja possibilidade de violência entre torcidas, e que, em maioria, vai ao estádio acompanhada de familiares.

Revelou, ainda, que há forte influência familiar na escolha e envolvimento das torcedoras alagoanas por seus times de coração. Ficou demonstrado que os pais, irmãos, avós são os referenciais de torcida que as mulheres alagoanas têm e que fazem com que elas se aproximem dos clubes e jogos, passando a se interessar e a serem levadas a se envolver/participar da torcida desde uma idade muito tenra.

Restou comprovado, ainda, que as torcedoras alagoanas tendem a manter uma relação de fortes sentimentos com seus clubes, acompanhando os jogos, mesmo em momentos ruins, inclusive, tornando-se sócias-torcedoras como forma de incentivar/patrocinar o clube e ter acesso facilitado aos jogos, indo aos jogos, adquirindo produtos relacionados ao clube, etc.

Por fim, revelou-se, ainda, que as mulheres torcedoras alagoanas, influenciadas por representantes masculinos de suas relações familiares, tendem a reproduzir os sentimentos e vínculos que mantêm com seus clubes, afirmando que essa relação só se encerra com a morte, de modo que é de se concluir que também elas transmitirão esses sentimentos e influenciarão seus filhos, amigos, família, sempre que tiverem oportunidade.

Assim, é de se concluir, com base nas narrativas apresentadas pelas torcedoras alagoanas, contrariando os dados coletados por meio da aplicação dos questionários, que o maior fator motivador da paixão da torcida feminina pelo futebol em Alagoas é a família, em especial os representantes masculinos do grupo familiar. São eles que alimentam e influenciam a escolha dos clubes pelas torcedoras alagoanas e a forma como essas se relacionam com os clubes. Havendo, no entanto, o desenvolvimento de uma relação mais forte com o passar dos anos. Assim, na infância, a menina torcedora é amplamente influenciada pelos familiares masculinos, entretanto, ao crescer, com esse sentimento de pertencimento já semeado e cultivado, ela passa a desenvolvê-lo e alimentá-lo mais fortemente por sua própria conta.

A investigação aqui realizada, por meio do método de investigação da etnografia, deu-se, como visto, pela imersão desta autora nos ambientes em que se inserem as torcedoras alagoanas.

Dessa forma, a autora vivenciou as experiências da mulher torcedora nos estádios de futebol alagoanos e, ainda, pode escutar suas narrativas, inicialmente, por meio das respostas dadas aos questionários elaborados pela autora, posteriormente, pelas conversas informais registradas nos diários de campo, fotografias, relatos. Narrativas essas que proporcionaram a visão e sentimentos das torcedoras sobre a torcida, seus clubes, o futebol, o ambiente do estádio, suas histórias e vivências no universo do futebol.

Assim, foi possível visualizar como se dão as relações entre essas mulheres e outros torcedores, com seus clubes e com família e amigos. Foi possível ouvir e observar a forma como as torcedoras se inserem nesse contexto e como se afastam daquela visão de passividade, apontada pelos estudiosos que embasaram os primeiros capítulos do estudo em tela, deixando clara a (re)ocupação desse espaço pelas mulheres, ocupação participante.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rodrigo Fadul; BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Futebol e torcedores em Manaus (A): breve digressão e etnografia multissituada em “clima” de Copa do Mundo na cidade. *In: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1699>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

ASA. **Memória**. Disponível em: <<https://www.asa-arapiraca.com.br/memoria>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BAMBIRRA, Filipe S. **Mulher e Futebol: uma análise do autodiscurso por meio de sites de relacionamento na internet**. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais. Monografia. Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. 2010. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/biblioteca/1864.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

CAMPOS, Priscila A. F. Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. *In: Licere*, Belo Horizonte, jun. 2010, v. 13, n. 2. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/548/440>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

CAMPOS, Priscila A. F; AUGUSTO, Izabela G; SILVA, Silvio R. da. A relação entre as torcedoras de futebol e o estádio em Belo Horizonte. *In: Revista Fazendo Gênero – Diásporas, diversidades e deslocamentos*, n. 9, 23 a 26 ago. 2010. Disponível: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276549001\\_ARQUIVO\\_arelacaoentreastorcedorasdefuteboleoestadioembelohorizonte.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276549001_ARQUIVO_arelacaoentreastorcedorasdefuteboleoestadioembelohorizonte.pdf)>. Acesso em: 26 nov. 2017.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino no futebol. *In: Esporte e Sociedade*, fev. 2007, ano 2, n. 4. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es405.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CRB. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.crb.esp.br/index.php/historico>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

CSA. **História**. Disponível em: <<http://www.centroportivoalagoano.com/Historia>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *In: Revista USP*, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

DAMO, Arlei Sander. Paixão Partilhada e Participativa – o caso do futebol. *In: Histórias: Questões & Debates*, Curitiba: Editora UFPR, jul./dez. 2012, n. 57. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30571>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

ECOTEN, Márcia Cristina F.; CORSETTI, Berenice. A Mulher no Espaço do Futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. *In: Diásporas, Diversidades e Deslocamentos*, 201. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277985619\\_](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277985619_)

ARQUIVO\_AMULHERNOESPACODOFUTEBOL\_FAZENDOGENERO.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

FRAGA, Gerson Wasen. A bola, a nação e a memória. *In: História: Deates & Tendências*, Curitiba: Editora UFPR, jul./dez. 2013, v. 13, n. 2. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/biblioteca/a-bola-a-nacao-e-a-memoria/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2005, v. 25, n. 50. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

FREITAS JR., Miguel Archanjo de. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. *In: Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, mar. 2016, ano 10, n. 94. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd94/sociais.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

GIRALDES, Gustavo. A antropologia vai ao campo – o futebol como fenômeno multicultural. 04 jul. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@gustavopg/a-antropologia-vai-ao-campo-o-futebol-como-fen%C3%B4meno-multicultural-a8314f1f6bde>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. São Paulo: *In: Revista Brasileira de Educação Física Especialização*, v. 19, n. 2, abr./jun. 2005, p. 143-151. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

MENDES, Bárbara Gonçalves. A participação de mulheres nas torcidas como uma inclusão e uma legitimação do torcer: algumas reflexões. *In: Anais do II Simpósio Internacional Futebol*, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer. Belo Horizonte: EEFTO/UFMG, 2016. Disponível em: <<http://www.gefut.com.br/gefut/images/artigo/files/Anais%20Simp%C3%B3sio%20Final.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

MENEGOTTO, Francine Morim. **Que Rosa que nada, elas usam é azul!** Um estudo sobre a participação das mulheres na torcida jovem do Grêmio *foot-ball* Porto Alegre. Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Monografia. Educação Física. 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32296>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

OLIVEN, Ruben George. Resenha crítica do texto Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes, de Arlei Sander Damo. *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, jun. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832002000100016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100016)>. Acesso em: 23 mar. 2018.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antonio C. De espectadoras a protagonistas – a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. *In: Revista Movimento*, ano V, n. 11, 1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2484/1134>>. Acesso em: 26 no. 2017.

SILVA, Carolina Fernandes. et al. As mulheres na torcida jovem do Grêmio foot-ball porto alegre. São Paulo: *In: Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 8, n. 29, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/413/353>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

SILVA, Elisabeth Murilho da. **A mulher nos estádios:** das plumas ao disfarce. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo: PUC-SP. 1996. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/viewFile/206/205>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

SOUZA NETO, Gerorgino J. de; CAMPOS, Priscila A. F; SILVA, Silvio R. da. **Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do Sport bretão:** a história da mulher nos campos de futebol de Belo Horizonte/MG (1904-1920). Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/prpq/images/revistalicere/licerev16n03\\_a2.pdf](https://www.ufmg.br/prpq/images/revistalicere/licerev16n03_a2.pdf) >. Acesso em: 26 no. 2017.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE COLABORAÇÃO EM PESQUISA



**Universidade Federal de Alagoas - UFAL**

**Instituto de Ciências Sociais - ICS**

**Graduação: Ciências Sociais- licenciatura**



### SOLICITAÇÃO DE COLABORAÇÃO EM PESQUISA

Para realização do trabalho de conclusão de curso- TCC, estou realizando uma pesquisa de campo, para o levantamento de dados e informações precisas sobre: “A torcida feminina de futebol em Alagoas”, Para tanto, necessito de vossa valiosa colaboração no sentido de responder o formulário abaixo.

Data do preenchimento do formulário: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_:\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: **Ens. Fundamental** ( ) **Ens. Médio** ( ) **Ens. Superior** ( ) **Ens. Sup. Incompleto** ( )

Estado civil: **Solteiro(a)** ( ) **Casado(a)** ( ) **Outros** ( )

End: \_\_\_\_\_

Contato: \_\_\_\_\_ **TIM** ( ) **Oi** ( ) **CLARO** ( ) **VIVO** ( )

Qual time você torce: **ASA** ( ) **CSA** ( ) **CRB** ( ) **Outros** ( )

Participa de torcida Organizada ou movimento: **Sim** ( ) **Não** ( ) **se sim,** \_\_\_\_\_

Costuma ir ao estádio com frequência: **Sim** ( ) **Não** ( ) **frequência:** \_\_\_\_\_

Com quem você vai ao estádio: **Pai** ( ) **Mãe** ( ) **Amigos** ( ) **Sozinho(a)** ( ) **Namorado(a)** ( ) **Outros** ( )

Você é sócio torcedor: **Sim** ( ) **Não** ( )

































Obrigada pelas informações, gostaria de saber se existe interesse de sua parte em, futuramente, ceder uma entrevista particular para somar ainda mais a minha pesquisa?









































**Sim** ( ) **Não** ( ) **Com certeza** ( ) .

## **ANEXOS**





## ANEXO 1 – TABELA CAMPEONATO ALAGOANO 2018



Primeira fase · Rodada 1 de 9												
	Santa Rita	2			CRB	4			CEO	0		ENC. 21/01/18
	CSA	2										ENC. 21/01/18
	Murici	0			ASA	3			Dimensão Saúde	0		ENC. 21/01/18
	Coruripe	2	◀									
Primeira fase · Rodada 2 de 9												
	CSA	4	◀		CEO	0			CSE	1	◀	ENC. 24/01/18
	Murici	0										ENC. 24/01/18
	Coruripe	1			Dimensão Saúde	1	◀		Santa Rita	0		ENC. 25/01/18
	CRB	2	◀									
Primeira fase · Rodada 3 de 9												
	Coruripe	3	◀		CRB	5	◀		Santa Rita	0		ENC. 28/01/18
	Dimensão Saúde	1										ENC. 28/01/18
	CEO	4	◀		CSE	1			ASA	2	◀	ENC. 31/01/18
	Murici	1										ENC. 31/01/18
Primeira fase · Rodada 4 de 9												
	Santa Rita	0			CEO	2	◀		Coruripe	0		ENC. 04/02/18
	CSE	0										ENC. 04/02/18
	CSA	2	◀		Dimensão Saúde	1	◀		CRB	0		ENC. 04/02/18
	ASA	1										ENC. 04/02/18



Primeira fase · Rodada 5 de 9							
	CSE	0	ENC. 10/02/18		Dimensão Saúde	0	ENC. 10/02/18
	CSA	0			CEO	1	
	Murici	0	ENC. 10/02/18		ASA	1	ENC. 14/2
	CRB	0			Santa Rita	0	
Primeira fase · Rodada 6 de 9							
	Coruripe	1	ENC. 17/2		Santa Rita	1	ENC. 18/2
	ASA	0			CEO	2	
	CSE	1	ENC. 18/2		CSA	5	ENC. 18/2
	Murici	1			Dimensão Saúde	0	
Primeira fase · Rodada 7 de 9							
	Coruripe	1	ENC. 24/2		CRB	2	ENC. 25/2
	Santa Rita	2			CSE	1	
	Murici	2	ENC. 25/2		CEO	0	ENC. 25/2
	ASA	1			CSA	2	
Primeira fase · Rodada 8 de 9							
	CSE	0	ENC. 4/3		ASA	2	ENC. 4/3
	Coruripe	1			CEO	1	
	Murici	1	ENC. 4/3		CRB	1	ENC. 4/3
	Dimensão Saúde	1			CSA	0	
Primeira fase · Rodada 9 de 9							
	Santa Rita	1	ENC. 7/3		Dimensão Saúde	4	ENC. 7/3
	Murici	3			CSE	1	
	CSA	1	ENC. 7/3		ASA	1	ENC. 7/3
	Coruripe	0			CRB	2	

Semifinal · Etapa 1 de 2					
	ASA	1	←	ENC. 14/3	
	CSA	0			
	Coruripe	1			ENC. 18/3
	CRB	2	←		
Semifinal · Etapa 2 de 2					
Agregado: 2 - 2, CSA vence em gols fora de casa					
	CSA	2	←	ENC. 24/3	
	ASA	1			
Agregado: 4 - 1					
	CRB	2	←	ENC. 25/3	
	Coruripe	0			










Disputa pelo terceiro lugar · Etapa 1 de 2					
	Coruripe	1			ENC. 31/3
	ASA	2	←		

Final · Etapa 1 de 2					
	CSA	0			ENC. 1/4
	CRB	1	←		

Disputa pelo terceiro lugar · Etapa 2 de 2					
Agregado: 5 - 3					
	ASA	3	←	ENC. 4/4	
	Coruripe	2			

Final · Etapa 2 de 2					
Agregado: 1 - 2					
	CRB	0		ENC. 8/4	
	CSA	2	←		

## ANEXO 2 – CLASSIFICAÇÃO FINAL – CAMPEONATO ALAGOANO 2018

Clube	Pts	PJ	VIT	E	DER	GP	GC	SG
1  CRB	19	8	6	1	1	16	4	12
2  CSA	17	8	5	2	1	16	4	12
3  ASA	12	8	4	0	4	11	9	2
4  Coruripe	12	8	4	0	4	9	8	1
5  CEO	12	8	4	0	4	10	11	-1
6  Dimensão Saúde	10	8	3	1	4	8	14	-6
7  Murici	9	8	2	3	3	8	14	-6
8  CSE	6	8	1	3	4	5	10	-5
9  Santa Rita	5	8	1	2	5	6	15	-9